



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

ALBERTINA MARIA DE MELO

**PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 1º E 8º PERÍODOS DO
CURSO DE LETRAS: ANÁLISE COMPARATIVA DA INFLUÊNCIA DE
MARCAS DA ORALIDADE**

**RECIFE
2009**

ALBERTINA MARIA DE MELO

**PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 1º E 8º PERÍODOS DO
CURSO DE LETRAS: ANÁLISE COMPARATIVA DA INFLUÊNCIA DE
MARCAS DA ORALIDADE**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de mestre em ciências da linguagem, na área de concentração em Linguagem e Educação sócio-cultural à comissão julgadora da Universidade Católica de Pernambuco.

Professora Orientadora: Marígia Ana de Moura Aguiar

**RECIFE
2009**

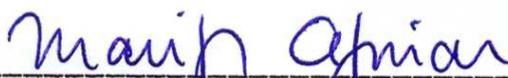
ALBERTINA MARIA DE MELO

**PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 1º E 8º PERÍODOS DO
CURSODE LETRAS: ANÁLISE COMPARATIVA DA INFLUÊNCIA DE
MARCAS DA ORALIDADE**

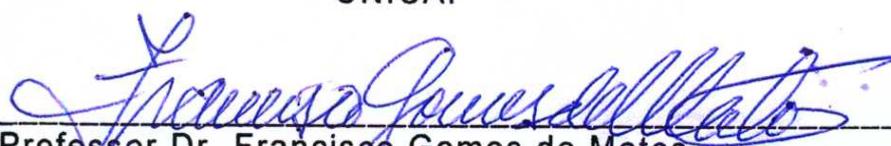
Defesa pública em:

Recife, 23 de abril de 2009.

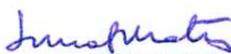
Banca Examinadora



Orientador: Profa. Dra. Marígia Ana de Moura Aguiar
UNICAP



Professor Dr. Francisco Gomes de Matos
UFPE



Professor Dr. Junot Cornélio de Matos
UNICAP

**RECIFE
2009**

ALBERTINA MARIA DE MELO

**PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 1º E 8º PERÍODOS DO
CURSODE LETRAS: ANÁLISE COMPARATIVA DA INFLUÊNCIA DE
MARCAS DA ORALIDADE**

Defesa pública em:

Recife, 23 de abril de 2009.

Banca Examinadora

Orientador: Profa. Dra. Marília Ana de Moura Aguiar
UNICAP

Professor Dr. Francisco Gomes de Matos
UFPE

Professor Dr. Junot Cornélio de Matos
UNICAP

RECIFE
2009

A todos que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si, ao mesmo tempo em que levaram muito de mim.

*Tu me falas
Eu te falo
Eu, tu
Ou nossas duas vozes confundidas
No mesmo raio
Infrangível
Da lente celeste*

André Verdet

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida e por ter me dado essa oportunidade de lutar e vencer mais uma jornada em minha caminhada. A este Ser de inteligência suprema toda honra e toda a glória.

À mestra, orientadora e amiga Prof^a Dr^a Marígia Ana de Moura Aguiar, pela contribuição valiosa e estímulo sinceros, que com sua grande amizade e companheirismo ajudou-me a vencer desafios, refazer conceitos, rever as leituras. Obrigada por contribuir para o meu crescimento.

À Pró-Reitoria Acadêmica da Universidade Católica de Pernambuco, na pessoa do Prof. Dr. Junot Cornélio Matos, exemplo de educador e amigo, pelas inúmeras reflexões que provocaram inquietações e amadurecimento final.

À minha família pela compreensão assistida em todos os momentos da minha existência.

Ao meu companheiro Fábio André, que acompanhou de perto todas as etapas do curso, incentivando e dando-me suporte necessário para a conclusão. Obrigada por fazer parte da minha vida, da minha história!

Às minhas filhas Lindinalva Albertine e Lidianne Beatriz, pelos momentos de incentivo e compreensão.

À minha irmã Marlene Melo por escutar e sempre mostrar-me caminhos em busca de novos horizontes.

Aos alunos (as) do curso de Letras da FAMASUL que me concederam a oportunidade de desenvolver esta pesquisa. Obrigada pelo carinho, compreensão e respeito.

À Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, pela oportunidade da oferta dos textos acadêmicos.

Aos colegas de turma pela força e união existente diante dos desafios encontrados, em especial a Robson e Rômulo, sempre prestativos e dedicados ao meio acadêmico.

A todos que contribuíram para a construção desta pesquisa, de forma direta ou indireta, muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se na literatura Lingüística, particularmente nas contribuições da Análise do Discurso, Ensino de Língua Portuguesa e no estudo da relação entre fala e escrita como processo integrante de um continuum de textualidade, através dos estudos de Soares, Bakhtin, Marcuschi, Antunes, Koch, entre outros. A observação da influência da oralidade na produção dos alunos universitários do curso de licenciatura em letras revela que as marcas de oralidade diminuem com o desenvolvimento das atividades acadêmicas, mas não desaparecem em definitivo. A pesquisa teve como objetivo analisar as produções textuais em português, dos alunos do 1º e 8º períodos em uma mesma turma do curso de letras da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul na cidade de Palmares-PE. Os dados obtidos foram comparados, quanto a marcas de oralidade que teriam influenciado a criação textual. A pesquisa revelou a ocorrência de desenvolvimento redacional individual entre os dois períodos acadêmicos, no que concerne à capacidade de diminuir uso de marcas de oralidade.

Palavras-chave: Oralidade, Escrita, Universitários, Língua Portuguesa, Linguagem.

ABSTRACT

This research is based on the Linguistic Literature, especially in the contributions of Discourse Analysis, Portuguese teaching and in the study of the relation between the speaking and the writing as a part of process of a continuous of textuality, by Soares', Bakhtin's, Marcuschi's, Antunes', Koch's studies. The observation of the influence of the orality in the university students' production, who study Portuguese, there is a disclosure that the impact of the orality reduce with the development of the academic activities, but they do not disappear forever. The aim of this research is to analyze the text productions in Portuguese, from 1st and 8th period in the same class of the Portuguese Course at South Area Teacher Formation College in Palmares city – PE. The data collected were verified, about the impact of the orality, which would have influenced the text creation. The research revealed the occurrence of individual composition development between the two academic periods, in relation to the ability to reduce use of impact of orality.

Keywords: Orality, Writing, University Students, Portuguese, Language

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA	14
1.2 A LÍNGUA ORAL.....	25
1.2.1 Concepções de oralidade.....	25
1.2.2 Oralidade e preconceito.....	27
1.2.3 A oralidade como prática social.....	28
1.2.4 A presença da oralidade e da escrita na sociedade	32
1.2.5 A oralidade na produção textual	33
1.3 HISTÓRIA DA LÍNGUA FALADA E ESCRITA.....	36
1.3.1 Questões da Língua oral & escrita: similaridade ou disparidade	37
1.3.2 Língua oral e língua escrita: dicotomia ou práticas de uma Mesma língua	39
1.3.3 Concepções de escrita	41
1.3.4 Escrita <i>versus</i> gramática	45
1.4 A IMPORTÂNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS	47
1.4.1 Gêneros discursivos.....	48
1.4.2 Contínuo textual	53
1.4.3 Considerações teóricas sobre gêneros discursivos.....	57
2 METODOLOGIA	61
2.1 Universo da pesquisa.....	61
2.2 Seleção dos textos	62
3 AS MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS DE UNIVERSITÁRIOS.	66
3.1 Resultados e análises	66
3.1.1 Quadro das marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos do 1º período do cursos de letras.....	134

3.1.2 Quadro das marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos do 8º período do cursos de letras.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Na prática profissional de professores universitários de Língua Portuguesa ou de outras disciplinas, têm-se enfrentado, entre outros, um problema que costuma ser designado como dificuldade dos alunos com relação à expressão escrita. O que se observa são estudantes extremamente receptivos às discussões, debates de idéias e demais atividades que possibilitam expor oralmente o que pensam, particularmente, quando se trata de temas polêmicos e instigantes. Todavia, sempre que lhes é proposto qualquer tipo de atividade que demande manifestação do pensamento através de textos escritos, a grande maioria manifesta atitudes de insegurança e resistência, quando não esconde sua rejeição, retardando ao máximo, a apresentação escrita do trabalho. Por outro lado, em reuniões pedagógicas com profissionais das diferentes áreas e disciplinas do *currículo* acadêmico, as queixas são praticamente unânimes, no sentido de que os universitários de cursos de graduação revelam maiores problemas de expressão escrita do que compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Esse fato vai repercutir em situações de avaliação formal que requeira produção escrita.

No mundo atual, é importante e necessária a leitura e produção de textos escritos. Nos últimos trinta anos, desde a introdução oficial da lingüística nos cursos de letras e o reconhecimento dessa disciplina como ciência, nenhum professor de língua portuguesa passou incólume pelo mal-estar criado pelo hiato existente entre a prática de ensino de língua materna, surgida nas escolas, e as pesquisas lingüísticas no âmbito acadêmico.

De lá pra cá, enquanto se sucediam os modelos teóricos e as linhas de pesquisa que vão da lingüística estrutural á análise do discurso, passando pelo gerativismo, pela lingüística textual e pela análise da conversação, entre outros, os professores do ensino fundamental, médio e de graduação, continuam a lidar, diariamente, com problemas ainda não resolvidos desde o apogeu estruturalista da década de 70.

A oralidade, marcada na produção textual, aborda o que existe de mais importante nos estudos que envolvem as discussões sobre língua falada e língua escrita, a teoria do *continuum*, baseada na idéia de que fala e escrita estabelecem uma relação de dois pólos complementares e interativos (BIBER, 1988; FRANCHI, 1992).

Entende-se que, para formar um escritor competente, é preciso apostar em uma proposta educativa com base no diálogo, na formação de cidadão que tenha liberdade para ler, escrever e interpretar o mundo, para refletir e criticar a realidade; a abertura de espaço para observação do funcionamento da linguagem, articulando diversas atividades, com a produção escrita, deve ser o papel das universidades.

Este trabalho, que teve como objetivo analisar a produção textual, em português de alunos do 1º e 8º períodos em uma mesma turma está estruturado em três capítulos

No Capítulo 1, desenvolve-se uma apresentação sobre relação da língua com a oralidade. Parte-se do princípio de que a língua falada está circunscrita a um universo social que determina suas modalidades; segue-se conceituando e analisando a oralidade como uma prática social que remete necessariamente, ao uso da língua escrita. Nesse capítulo, busca-se entender a oralidade e a escrita como modalidades que se complementam e se influenciam, com uma forte tendência da oralidade sobre o texto escrito. Para a fundamentação teórica da análise utilizou-se Bagno (1999;2001); Britoton (1975); Bakhtin (1992;1997); Marcushi (1995); Schneuwly (1994; 1996); Soares (1999;2003); Suassuna (1995), entre outros.

Para se compreender melhor a dinâmica da relação histórica entre língua falada e escrita, optou-se por uma perspectiva de analisar as disparidades e similaridades entre as duas modalidades.

No Capítulo 2, partindo do princípio que os níveis de aprendizagem da língua, embora respeitando as variações lingüísticas são de natureza científica, descreve-se o processo de coleta e análise do material.

Finalmente, sob a luz da aprendizagem sistematizada em sala de aula, no curso superior de Letras, foi realizada uma análise da dinâmica das produções textuais de alunos do 1º e do 8º período de Letras, da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, em Palmares-PE.

Por fim, são feitas algumas considerações sobre os resultados da análise que refletem o impacto dos achados sob o ponto de vista da pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embora exista uma estreita relação entre a oralidade e a escrita, as modalidades se diferenciam graças às características que se especificam no processo de construção do texto, fazendo com que a escrita ganhe uma estrutura formal, sistematizada, garantindo a construção refletida do que se quer ou do que se faz necessário escrever. A língua oral por sua vez, flui de maneira espontânea, sem a necessidade de uma sistematização anterior, produz o diálogo a partir das necessidades imediatas, o que lhe confere, muitas vezes, a presença de variações lingüísticas.

Nesse sentido, o presente capítulo desenvolve uma reflexão sobre as relações dialógicas que se estabelecem nas modalidades falada e escrita da língua, procurando compreender a oralidade e a escrita como produtos sociais, bem como o uso da Gramática e da norma padrão como critérios para se escrever bem e a função dos gêneros no processo de construção dissertativa.

Compreender a construção do texto acadêmico implica perceber ausências significativas das marcas de oralidade, o que o caracteriza como um texto mais formal, tanto na modalidade escrita quanto na fala.

1.1 RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA ORAL E LÍNGUA ESCRITA

Percebe-se que, atualmente, surgem muitos problemas gerados a partir do confronto entre a modalidade oral e a escrita, pois muitos alunos, especialmente na graduação, ainda não possuem a habilidade de usar no texto escrito (redações) a norma culta, deixando, na maioria das vezes, suas produções marcadas pela oralidade. Este fato tem gerado o fracasso de muitos alunos, particularmente quando a proposta é a elaboração de textos científicos.

O que ocorre é que a maioria desses alunos não foi preparada nas séries iniciais a desenvolver a competência de adequar o tipo de linguagem aos gêneros textuais pertinentes. Ao contrário, o que

geralmente ocorre é a pressão em adotar a Norma Culta como a única modalidade da língua. Os alunos, desde cedo, precisam compreender os múltiplos empregos da Língua, para que, ao chegarem à graduação, possam obter êxito em suas produções escritas.

Não se trata de apontar o uso das variedades lingüísticas no texto como erro, mas, de saber adequá-las ao gênero textual pertinente, por exemplo, no processo de criação de personagens, que não ocorre no texto científico, técnico ou informativo, nos quais a única norma admitida é a culta. O aluno deve saber que existem sim, textos escritos que se aproximam da fala, como bilhetes, cartas familiares, diários etc., assim como textos falados, que se aproximam da escrita, tais como conferências, entrevistas, programas de rádio, de TV, aulas etc.

Na realidade, existem mais relações de semelhanças do que diferenças entre a língua oral e a língua escrita, e o aluno de graduação precisa conhecê-las para que, assim, possa estar apto a utilizar tanto uma modalidade quanto a outra, bem como adequá-las ao contexto. Para Fávero (1999, p. 75:)

A respeito das distinções entre fala e escrita, verifica-se que elas revelam aspectos específicos de um tipo de texto em comparação a outro e não propriamente diferenças entre as modalidades (fala e escrita).

A fala e a escrita coexistem simultaneamente, por meio da atividade interacional entre interlocutores. Efetivam-se através do mesmo conjunto de signos lingüísticos, podendo tanto uma como a outra ser formal ou informal, ou seja, cada uma cumpre sua função comunicativa. O que vai definir a norma a ser seguida é o gênero textual e o público a que o mesmo será direcionado.

Além disso, a influência da fala na produção escrita é perfeitamente justificada. Os seres humanos, em sua vivência cotidiana, não se comunicam de acordo com a bela linguagem da gramática, mas com aquela utilizada na sua comunidade.

No processo de aprendizagem, seja na escola de nível fundamental e médio ou na universidade, onde passa bem menos

tempo, lhe é solicitado o emprego da norma culta, distante daquela do seu dia-a-dia. O processo de sistematização da língua escrita dentro dos padrões cultos é irrisório frente ao universo experimentado pelos indivíduos no seu espaço sociocultural, razão para o emprego inconsciente das marcas da oralidade em suas produções textuais.

De fato, é quase impossível desvincular a oralidade da escrita, visto que, de certa forma, uma depende da outra. Para Fávero (1999, p.13)

O ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois ela mantém entre si relações mútuas e intercabíveis. Esse conceito enfatiza o intercâmbio fala/escrita, sendo de certa forma natural que a fala influencie a escrita, pois tudo se explica através do contínuo, onde há sem dúvida, uma proximidade da fala com a escrita, como a escrita com a fala. Enfim, os sujeitos atuam mutuamente.

Para Marcuschi (2001), “A fala tem sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informações, o que permite que se torne fenômeno específico”.

Por outro lado, o desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita não deve apenas compreender a abordagem mecânica, mas envolvê-la como um meio de interação que se apresenta de forma variada, dependente do contexto social de uso.

Assim, escrever engloba desde a habilidade de traduzir fonemas em grafemas até habilidades de selecionar informações relevantes para a elaboração de um texto de acordo com o leitor pretendido, habilidade de fixar os objetivos do texto e de decidir como desenvolvê-lo, de organizar as idéias no texto, de estabelecer relações entre elas, de expressá-las adequadamente (SOARES, 2003).

A necessidade do indivíduo em desenvolver habilidades, ou seja, adquirir comportamentos no trabalho com a escrita, surge a partir da compreensão da escrita como atividade interativa. Nos primeiros anos escolares, é de fundamental importância que a criança aprenda a significação real da língua escrita, ou seja, veja a escrita como uma prática social. Se a escrita for trabalhada artificialmente sem considerar as articulações entre o uso da língua e os contextos sociais

da interação, não será possível desenvolver habilidades necessárias a um desempenho satisfatório na produção de textos.

Em cada sociedade, existem formas próprias de usos da linguagem, bem como diferentes situações de prática social (SOARES, 2003).

Para tornar-se realmente um usuário da escrita, o aluno precisa reconhecer que há situações de interação que exigem diferentes escolhas na língua falada e na língua escrita. O contexto social é o indicador do uso das habilidades, ou seja, das escolhas que o indivíduo realiza na produção do texto.

O texto visto como uma prática social deixa de ser na escola uma atividade meramente escolar. Passa a ser um meio de atingir alguém e manter uma relação social. Este alguém é um interlocutor real, para quem a escrita é desenvolvida para expressar, verdadeiramente, opiniões, sentimentos, informações.

Segundo Soares (2003, p. 106)

A escrita que, fora das paredes na escola, serve para interação social, e é usada em situações de enunciação (escrevem-se cartas, bilhetes, registram-se informações, fazem-se anotações para apoio à memória, lêem-se livros, jornais, revistas, panfletos, anúncios, indicações de trânsito, nomes de ruas, de ônibus, etc.), dentro das paredes da escola assume um caráter falso, artificial.

A produção de texto em sala de aula, desvinculada da função social da escrita, ou seja, assumindo um “caráter artificial”, afasta o aluno da real função da linguagem e de aprender a escrever.

Soares (2003) chama a atenção para o fato de que a escola ensina que a situação de produção de textos escritos é uma situação de demonstração, muitas vezes de habilidades de grafar as palavras.

Para Soares (2003, p. 105):

Além de construir seu conhecimento, e domínio do sistema ortográfico, o aprendiz da língua escrita deve construir o conhecimento e o uso da escrita como discurso, isto é, como atividade real de enunciação, necessária e adequada a certas situações de interação, e concretizada em uma unidade estrutura – o texto.

A escola deve oferecer situações comunicativas reais em que o texto produzido em sala de aula tenha uma finalidade social. O professor é o responsável direto pelo trabalho com a escrita, não basta apenas saber escrever, mas desenvolver capacidades para que o aluno responda a diferentes situações de pedidos da escrita.

Segundo Suassuna (1995, p. 44),

(...) o fato de o locutor imaginar se situar de modo singular em relação às informações preexistentes à sua enunciação que legitima sua fala, seu discurso, num determinado contexto. Entretanto, na situação escolar, a exigência que lhe faz o exercício obriga-o a dizer algo sobre o que não se imagina possuir informações novas, quase que, fugindo a regra de informatividade do discurso, ter que dizer sem ter o que dizer. Na maioria dos casos, seu trabalho consiste em organizar as informações disponíveis e que lhe foram dadas pela escola para devolvê-las, na forma de redação, à própria escola.

Quando a produção de textos solicitada na escola tem como destinatário o professor – sendo o único interlocutor, o caráter discursivo inexistente, o aluno escreve com a preocupação de mostrar o resultado do que aprendeu com o professor. A interlocução deixa de ser uma relação de dizer alguma coisa para alguém e, assim, interagir com este alguém em vista de algum objetivo, e se transforma numa “caça aos erros” pelo interlocutor/professor.

“A escola (...) instituiu uma escrita pela qual tanto faz dizer – se ‘isto’ ou ‘aquilo’, contanto que se observem os padrões da correção gramatical ou ortográfica” (ANTUNES, 2003, p. 45)

Assim, nas paredes desta instituição, a produção de textos não tem um caráter dialógico em que o aluno escreve para ser lido e espera um retorno na interação; o professor desenvolve a atividade escrita como uma atividade unicamente escolar. Uma das conseqüências deste tratamento da produção escrita é levar o aluno a construir uma visão equivocada da função e uso social do texto.

Antunes (2003, p. 46) afirma que

Quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Este alguém para quem se escreve é a referência / o parâmetro de quem escreve para fazer escolhas, tais como: o que, como, quando, por quê e para quê escrever aquilo ou isto.

E que (p. 49)

Uma visão interacionista da escrita supõe (...) encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos. Para que aconteça a comunhão das idéias, das informações e das intenções pretendidas. Assim uma atividade interativa acontece quando duas ou mais pessoas mantêm uma relação dialógica na busca dos mesmos fins.

O texto escrito, na verdade, é o dizer de alguém para outro alguém com finalidades sociais definidas, sem seguir um modelo pré-definido, pois, como afirma Antunes (2003, p. 46),

Toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sócio-comunista entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam.

Quando a escola/professor é a única referência do aluno, não há escolhas para a escrita, mas um modelo/padrão pré-definido para realizar a produção escrita. Assim, a atividade escrita assume um caráter artificial.

Castilho (1990, p. 121), por exemplo, chama a atenção para a necessidade de inserir nos programas de língua portuguesa informações relativas à linguagem oral, sugerindo que uma “ênfase particular seja dada à língua falada, porque esta modalidade retém muito dos processos de constituição da língua escrita”.

Fica clara, e de fundamental importância, a reavaliação da língua falada no contexto escolar, objeto de investigação que traduz diferentes momentos do processo de construção do texto, e que, por sua vez, pode contribuir para que o aprendiz conceba o que é falado, o que é escrito, como resultado de um processo que implica reestruturação de múltiplas revisões, hesitações em diferentes níveis lexicais, ortográficos, sintáticos, morfológicos, semânticos e discursivos.

A gramática não é o lugar das certezas absolutas, e em classe não devemos transferir nossa capacidade de reflexão para o autor de uma gramática, por melhor que ela seja. É de todo inútil passar para os alunos o pacote gramatical, o famoso ponto de gramática cujo efeito prático será, infelizmente, afastar os educandos da reflexão (CASTILHO, 2000, p. 22).

Os alunos, muitas vezes, por não dominarem suficientemente as técnicas de estruturação dos parágrafos, da pontuação, da coesão e coerência textual, levam da estrutura da fala, que é mais espontânea, para a escrita, os elementos interacionais que darão inteligibilidade ao texto, muitas vezes visto pelo professor como erros. O professor consciente do papel da oralidade na escrita aproveitará esses “erros” para uma reflexão do processo de aprendizagem das técnicas da escrita.

O que antes era visto como erro serve para identificar o nível de maturação das estruturas mentais do aluno. O erro é fonte de investigação, pois o aluno, na verdade, desenvolveu um raciocínio lógico que levou àquele resultado e é, a partir da visão do erro, como forma de pesquisa, que o conhecimento vai sendo reelaborado.

O estudo da linguagem oral constitui uma preocupação que se tornou mais relevante no meio lingüístico, desde que os lingüistas recuperam a fala como objeto de análise, ampliando, assim, a visão dos estruturalistas para quem a língua era um sistema, buscando o que nela era homogêneo. Os gerativistas, por exemplo, estudavam-na em forma abstrata, fora de qualquer contexto de uso¹. Sendo assim, Os pesquisadores que escolheram a fala como objeto de estudo começaram a levar em conta que a língua é uma atividade, uma forma de ação e fatores, como, por exemplo, quem falou em que condição falou e para quem falou antes ignorado, e que passaram a ter uma importância especial.

Nesse sentido, Koch (2001, p. 412) afirma que

(...) é nesse momento que se criam condições propícias para o surgimento de uma lingüística do texto/discurso, ou seja, uma lingüística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas pelos falantes de uma língua em situações concretas, sob determinadas condições de produção.

¹ Verifica-se, no âmbito dos estudos lingüísticos uma “certa competição saudável em que diferentes abordagens buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos” (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8).

Ainda com relação às diversas formas de encarar os fenômenos lingüísticos, Castilho (2000, p. 11) explicita, de forma mais esmiuçada, que: “a linguagem é um objeto escondido, que para ser elaborado parte-se de um ponto de vista de postulações prévias que constituirão a linguagem como um objeto cientificamente analisável”. Segundo ele, há três grandes modelos teóricos de interpretação da linguagem humana: a língua como atividade mental, a língua como uma estrutura e a língua como atividade social.

(...) a língua é uma capacidade inata do homem, que lhe permite reconhecer as sentenças, atribuindo-lhes uma representação fonológica. A teoria da língua como estrutura postula que as diferentes línguas naturais dispõem de um sistema composto por signos, distintos entre si por contrastes, organizados em níveis fonológicos e gramatical... a língua como uma atividade social, por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro.

Nessa perspectiva, a língua deve ser vista como um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. Uma gramática que assim entenda a língua, como é o caso da gramática funcional, defendida por Halliday (1973, p.37) que procura os pontos de contacto entre as estruturas identificadas pelo modelo anterior e as situações sociais em que elas emergem, contextualizando a língua no meio social.

Essa nova forma de encarar os fenômenos lingüísticos teve como inspirador, entre outros, Bakhtin (1992, p. 125) que afirmou:

(...) a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua...

Afirma, ainda, que a enunciação realizada é como uma folha emergindo de um oceano sem limites, o discurso. As dimensões e as

formas dessas ilhas são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório.

A linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita, havendo uma força que se explica pelo fato dos interlocutores estarem em presença, e a construção do enunciado se ressentir de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias conseqüências disso é que, na língua escrita, é necessário explicitar as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que, na fala, tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala (CASTILHO, 2000).

A fala e a escrita apresentam diferentes funções. Para a fala, é mais comum a função de informar, apresentando marcas que mostram certas intimidades entre os falantes, além do uso de expressões mais coloquiais. A escrita exige certa hierarquia em sua estrutura e possui marcas mais formais, tanto que a habilidade para escrever depende muito do domínio de alguns recursos lingüísticos. Para se desenvolver a escrita, é preciso um tema, algo para ser escrito, e o material deve ser cuidadosamente organizado, formando um todo coerente, unificado, com mudanças de tópicos justificados e explícitos. A própria estrutura gramatical da escrita faz com que ela seja mais explícita por si só.

Sociólogos como Darcy Ribeiro, educadores como Paulo Freire, psicólogos como César Coll e lingüistas como Marcos Bagno têm se debruçado sobre o assunto, e diante de tanto interesse, era de se esperar que as características da fala e da escrita já tivessem sido analisadas exaustivamente, porém, se há muitos trabalhos, a concordância entre eles é pequena. A escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto (MELO, 2000).

Essa visão dicotômica entre oralidade e escrita, em que a segunda ocupava um lugar de supremacia sobre a primeira, permaneceu por muito tempo no meio lingüístico, sendo mudada a partir dos anos 80, quando os estudiosos começaram a vê-las como

práticas sociais diferentes. A esse respeito, Marcuschi (2000, p. 17) ressalta:

(...) hoje predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário.

Esse mesmo autor destaca ainda que, numa sociedade como a nossa, a escrita compreende um dos recursos tecnológicos mais eficazes, uma vez que são indispensáveis para um melhor desenvolvimento das competências de que o ser humano necessita para enfrentar o dia-a-dia, seja nas cidades ou nas zonas rurais.

Nessa perspectiva, Marchushi (2000) observa que pelo fato de ter se tornado tão necessária, a língua escrita ganhou um “status mais alto”. Por outro lado, segundo ele, do ponto de vista mais central da realidade humana, o homem pode ser definido como um ser que fala e não como um ser que escreve. Todavia, isso não torna a fala superior à escrita e tampouco ratifica a convicção de que a fala é primária.

Dessa forma, a escrita e a oralidade constituem práticas e usos da língua, que, por sua vez, possuem características próprias. Essas características, porém, não as tornam dicotômicas, pois ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, as variações estilísticas, sociais, dialetais, além de outras possibilidades.

Foi a visão dicotômica de fala e escrita, já mencionada, que originou, a princípio, as diferenças entre essas modalidades, dentre as quais as com relação à fala: contextualizada, implícita, redundante, não planejada, predominância do “modus pragmático”, fragmentada, incompleta etc. Por outro lado, a escrita é considerada descontextualizada, explícita, condensada, planejada, predominância do “modus sintático” etc. A esse respeito, Koch (1997) salienta que nem todas essas características são exclusivas de uma ou de outra modalidade e que tais características foram sempre estabelecidas segundo o parâmetro de ideal da escrita.

Essa maneira de conceber fala e escrita levou a uma visão preconceituosa de que a fala é desorganizada, sem planejamento e rudimentar. Marcuschi (2000, p. 28-33) explicita que, além da visão dicotômica entre fala e escrita, há, também, a culturalista:

Muito mais a natureza das práticas da oralidade versus escrita e faz análises, sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus na forma de organização e produção do conhecimento (...) este tipo de visão é pouco adequado para a observação dos fatos da língua.

Outra forma de encarar a questão fala e escrita, apontada pelo autor, é a variacionista, que, segundo ele,

(...) trata o papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da relação padrão e não padrão lingüístico nos contextos de ensino formal (...) são estudos que se dedicam a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e sociodialetal (...). Neste paradigma não se fazem distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, verifica-se a preocupação com regularidades e variações. (...) Todas as variedades submetem-se a algum tipo de norma. Mas como nem todas as normas podem ser padrão, uma ou outra delas será tida como norma padrão.

Uma outra posição teórica é a do sociointeracionismo², que defende a vantagem de se perceber, com maior clareza, a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real. Marcuschi (2000) assegura que a proposta geral dessa teoria se vincula à visão variacionista e aos postulados da análise da conversação etnográfica aliados à lingüística do texto. Para ele, este seria o caminho mais sensato no tratamento das correlações no campo lingüístico, contextual, interacional e cognitivo no tratamento das semelhanças e diferenças entre fala e escrita, nas atividades de formulação textual e discursiva.

² Por exemplo, Vygotsky defende que as características individuais e que culminam no processo comunicativo da fala e/ou da escrita são determinados por fatores externos ao indivíduo, o que faz com que as interações socioculturais sejam integradas na formação das estruturas comportamentais e cognitivas das pessoas (NEVES; DAMIANI, 2006).

Todavia, é evidente que a fala possui características próprias, tal como o fato de ser relativamente não-planejável de antemão, pois ao contrário do que acontece no texto escrito, o oral apresenta-se “em se fazendo”. Nesse sentido, Koch (1997) chama atenção para o fato de que o texto falado apresenta uma sintaxe característica, contudo a sintaxe geral da língua serve-lhe de pano de fundo. Além disso, a escrita pode ser considerada como resultado de um processo, portanto estático, enquanto a fala é o processo, sendo assim, dinâmica.

Para Marcuschi (2000, p. 34),

discorrer sobre as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita não é referir-se a algo consensual nem mesmo como objeto de análise. Trata-se de fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos lingüísticos (relação fala-escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade versus letramento). As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas modalidades de uso da língua.

O que se pode afirmar, com base no exposto, é que há um grande equívoco por parte de alguns, ao fazer comparações entre a língua escrita e a língua falada, com base na visão que se tem da língua escrita como algo totalmente definido, estável, e a língua falada, como forma variada.

1.2 A LÍNGUA ORAL

1.2.1 Concepções da Oralidade

A língua é um sistema de signos histórico e socializado, com regras que precisam ser seguidas para que haja uma comunicação entre os falantes; é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento e suas ações, possibilitando-o a significar o mundo e a realidade que o cerca.

A linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos, desde o momento que é aprendida, mantendo um vínculo

muito estreito com o pensamento; é uma herança social, pois tudo é passado e repassado através do tempo, pela oralidade.

Para Saussure (1972),

A língua é todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos.

A fala é a concretização da língua pelo indivíduo; é a construção do entendimento lógico do ser humano para realização de atos comunicativos. Não podendo ser substituída por nenhum meio tecnológico, constitui um fator de identidade social, regional, grupal, de uma comunidade, na prática social interativa.

Para Ramos (1997, p.42), “Desde que o homem foi conhecido por um outro ser sensível e semelhante, o desejo e a necessidade de comunicar seus pensamentos fizeram-no buscar meios para isto”.

A linguagem é um veículo de representações, concepções e valores sócio-culturais, e o seu caráter de instrumento e intervenção social, busca práticas interativas para fins comunicativos que se apresentam sob várias formas ou gêneros, em diversos contextos, grupos humanos, formando o que se define variações da língua.

Já a fala, para Marcuschi (2001,p.53), “... Tem sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informações, o que permite que se torne como fenômeno específico”.

A fala em si é solta, livre, espontânea e emotiva, pois reflete sempre, em um contato humano direto, um saber intuitivo de cada falante, sendo inovadora porque se deixa levar pelas forças vivas de mudanças que estão sempre ativas na língua, sendo atuante e gradativa no tempo e no espaço.

Desta forma, a construção do entendimento lógico do ser humano para realização de atos comunicativos pode acontecer através da linguagem verbal e não verbal, e a linguagem não existe em si mesma, pois fora do homem é uma abstração e, no homem, é o

resultado de um patrimônio cultural que a sociedade à qual pertence lhe transmite.

1.2.2 Oralidade e preconceito

Entre os mitos que são transmitidos e perpetuados em nossa sociedade, cada um em grau maior ou menor, destacam-se o mecanismo que pode ser chamado de círculo vicioso do preconceito lingüístico, tão arraigado em nossa cultura que vem interessando, sobretudo, a estudiosos de diversas áreas, levando lingüistas e pesquisadores a buscarem respostas e/ou possíveis soluções para a questão.

Muitos são os preconceitos decorrentes do valor social relativo atribuído aos diferentes modos de falar, sendo muito comum considerar os vícios de linguagem como de menor prestígio, inferior ou errado.

Desconhecendo a semelhança entre a língua e a gramática, ou por não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado, as escolas tentam impor sua norma lingüística culta, e, no universo escolar, o ensino de língua portuguesa volta-se apenas a considerar o que é "certo e errado", do ponto de vista meramente gramatical, acarretando um abismo lingüístico entre os falantes das variedades não padrão ou desprestigiadas e os falantes da norma culta.

O alvo do preconceito, principalmente nas escolas, é, com certeza, o "aluno", que **esbarra** na ditadura do padrão lingüístico culta, sendo pressionado a adotá-lo como a única modalidade da Língua, desprezando a variedade da qual faz uso, na tentativa de adequar a oralidade à bela linguagem das gramáticas que, geralmente, não é aquela vivenciada por eles em suas comunidades.

Soares (1999, p.24) mostra sua visão de como é entendida a língua falada quando diz:

Tal como não se pode falar de inferioridade ou superioridade entre línguas, mas apenas de diferenças, não se pode falar de inferioridade ou superioridade entre os dialetos geográficos ou sociais ou entre registro. Também aqui, como ocorre em relação às línguas, cada dialeto e cada registro é adequado às necessidades e características a que pertence o falante, ou situação em que a fala ocorre: Todos eles são, pois, igualmente válidos como instrumento de comunicação

Percebe-se com essa afirmação, que a gramática dos falantes é sempre completa, sistema de todas as regras necessárias para se poder falar, e que não devemos privilegiar mais uma forma de falar em detrimento de outra, uma vez que todas elas cumprem sua função: comunicam.

Sobre isso, manifesta-se Borba (1996):

A fala de aplicação momentânea, é fruto da necessidade psicológica de comunicação e expressão. Porque é a realização individual para o indivíduo, de situação para situação. Alterando-se facilmente pela influência de fatores diversos, estados psíquicos, ascensão social, migração, mudança de atividade. Não é, porém, um fator de criação e sim de modificação. O indivíduo, pelo ato da fala, não cria a língua, pois recebe e usa aquilo que a sociedade lhe ministrou e, de certa forma, lhe impôs.

Assim, não se pode esquecer que o preconceito não está na língua, mas em quem a fala, uma vez que os conceitos de “certo e errado” estão enraizados no imaginário social. Infelizmente, em nosso país, o domínio da norma culta é privilégio de poucos. Apenas aqueles que tiveram oportunidades de acesso a uma escolarização prestigiada são dotados de uma fala que obedece aos padrões lingüísticos impostos pela gramática normativa. Grande parte da nossa população é alfabetizada, mas ainda não chegou ao processo de letramento, ou seja, à capacidade de fazer uma leitura crítica daquilo que lê e escreve e isso se deve ao ensino tradicional que perpetuou durante tanto tempo. Vivemos em uma sociedade que exclui tudo que é diferente e isso acontece inclusive com a oralidade.

É preciso aceitar a idéia de que todo falante nativo de uma língua, desde pequeno, já domina a gramática de sua língua, mesmo que de forma inconsciente, o que torna mais fácil instruí-lo para falar

diante de uma platéia com um nível de linguagem considerado culta. A gramática normativa busca uma uniformidade da Língua, contudo, o processo não pode prescindir da realidade sociocultural em que estão inseridos os indivíduos, da produção das variações lingüísticas e do acúmulo de saberes sedimentados na fala durante muito tempo.

Não adianta fixar e estabelecer regras mesmo que estas estejam de acordo com a língua realmente falada, já que se trata de uma questão social e regional.

1.2.3 A Oralidade como Prática Social

Sabe-se que, ultimamente, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas na área da lingüística, abordando a questão da oralidade. Mesmo sendo um estudo relativamente atual, existe uma rica literatura sob o tema, preocupada em compreender a relação existente entre a fala e a escrita. Este é um fato animador, que está ganhando espaço no ensino de Língua Portuguesa, como forma de melhoria na prática de produções textuais.

Ao se questionar se são realizadas atividades em que os alunos falam e expressam suas idéias, a maioria aponta que sempre são realizadas atividades de expressão oral, e isso mostra uma grande evolução do espaço da oralidade na sala de aula.

Até pouco tempo atrás, o trabalho com a oralidade provocava uma série de indagações: corrigir ou não? Que forma o aluno deve utilizar, a coloquial ou a formal?

De acordo com Brito e D'Angelis (2003, p. 01), "a lingüística moderna, já demonstrou que não há línguas melhores ou piores, nem variedade lingüística que não tenha gramática articulada e consistente". No entanto, para muitos alunos que freqüentam as escolas públicas, advindos, principalmente, das camadas populares, raramente a língua ensinada corresponde à variedade usada em sua comunidade. A língua escolar padrão parece uma língua estranha, uma língua estrangeira. A fala desses alunos é constantemente corrigida,

reprimida e, muitas vezes até ridicularizada, principalmente pelos próprios colegas.

Deve-se ter claro que não é papel da escola substituir uma fala por outra julgada, social e não lingüisticamente, como a mais educada. “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança, isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é” (PCN,1997, p. 47).

A fala do aluno trazida para a escola deve ser aproveitada e valorizada, resgatando o tratamento dado à Língua, especialmente à oralidade. Claro que não se trata de ensinar a falar, mas de compreender como se processa o texto oral, sua estrutura e natureza específica, superando a lógica que pensa a fala como o lugar do erro ou da correção.

É pertinente a citação de Castilho (1990, p.110) quando ressalta a importância de se considerar a língua falada como objeto de reflexão, “A língua oral se constitui num excelente ponto de partida para o desenvolvimento das reflexões sobre a língua, por se tratar de um fenômeno ‘mais próximo do educando’ e por interceder com a língua escrita interessantes relações”.

Esse raciocínio é coerente com o fato de que o aluno domina muito melhor a oralidade do que a escrita, pois, desde cedo, cada falante já domina muito bem seu idioma e é capaz de construir, oralmente, enunciados que obedecem às regras de funcionamento da Língua. Por este motivo, a escola deve aproveitar-se disso, desde as séries iniciais, para desenvolver a expressão oral do aluno, que, ao expressar-se constantemente, tende a enriquecer seu vocabulário, e ao chegar ao Ensino médio, com certeza, estará mais apto á falar e a escrever, o que o ajudará positivamente nas produções escritas. Porém, é necessário estar consciente de que, dificilmente, a fala não influenciará a escrita, mesmo quando se trata de alunos do Ensino Médio, quando ou onde já deverão ter entrado em contato com o processo de estruturação do texto escrito, ou seja, nessas séries, na hora de escrever, é importante que mostremos aos jovens, que não se pode evitar as marcas da oralidade, os vícios de linguagem e

repetições, mesmo que elas surjam de maneira muito sutil, não sendo motivo para desprezar sua forma de expressar-se oralmente.

Ainda com relação à importância da oralidade no ensino de Língua Portuguesa, Fávero,(1985, p. 13) afirma:

Quanto à escola, não se trata obviamente 'ensinar a falar', mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do coloquial ao mais formal) das duas modalidades escrita e falada, isto é, procurando torná-los 'políglotas' dentro de sua própria língua.

O ensino de Língua Portuguesa, hoje, deve conduzir o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, para que o mesmo possa utilizá-la com eficácia, quando se fizer necessário. É papel da escola mediar o processo ensino-aprendizagem, ensinando aos seus alunos a importância da língua falada, sua riqueza, bem como suas especificidades, considerando sempre, que existem níveis de língua e que sua utilização dependerá do contexto e dos interlocutores a quem está dirigindo-se.

Nesse sentido, trata-se de propor situações didáticas que dêem sentido a essa proposta, pois não seria cabível "treinar" o aluno a utilizar o nível formal da fala, mas promover atividades práticas, habilitando os mesmos a produzirem textos escritos coesos e coerentes.

O aluno quando chega à escola, já faz uso de sua linguagem, tem uma gramática natural, um sistema de regras pelo qual constrói seu discurso. É um saber intuitivo, o próprio saber lingüístico ou competência de cada falante (BAGNO, 2001).

A escola não pode desvalorizar esse saber lingüístico, reprimindo a diversidade. Mas, ao contrario, deve atender à linguagem dos sujeitos e dos grupos sociais em que se inscrevem e, aos poucos, apresentar a variedade considerada como padrão – a culta, sabendo abrir-se à pluralidade dos discursos (BAGNO, 2001).

Dessa forma, a escola estará favorecendo a integração de todas as variedades, relativizando os usos e criando situações em sala

de aula que realmente possam ampliar e diversificar a experiência de falante de cada um.

É importante apresentar grande variedade de textos, deixando que o aluno entre em contato com diferentes usos sociais da língua, com o objetivo de que perceba o porquê e para quê utiliza a escrita. A vivência com diversos textos irá ajudá-lo a conhecer, a interagir com diferentes tipos, possibilidades e manifestações da língua escrita. Escrever é interagir. Entendemos que interage aquele que tem o que dizer.

Ensinar alguém a escrever é ensinar a produzir textos em uma situação real de comunicação. O ato de escrever não deve se caracterizar por ser um momento enfadonho, que provoque bloqueio na expressão, oral ou escrita, do aluno.

Jolibert (1994, p. 16) afirma que o ato de escrever deve se caracterizar em uma atmosfera que traduza o prazer de escrever: prazer de inventar, de construir um texto, prazer de compreender como ele funciona, prazer de buscar as palavras as dificuldades, prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas às situações, prazer de progredir, prazer da tarefa levada até o fim, do texto bem apresentado.

1.2.4 A Presença da Oralidade e da Escrita na Sociedade

Quanto à presença da escrita, pode-se dizer que, mesmo criada pelo engenho humano tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, ela permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou. Até mesmo os analfabetos estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de práticas de letramento, isto é, a capacidade que o indivíduo adquire de ir além do puro reconhecimento das letras, das sílabas e das palavras, passando para uma fase de saber o que se está lendo e o que se encontra oculto por trás das palavras e das frases.

A escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade, seja no trabalho, na escola, na família, na vida burocrática, nas atividades intelectuais, em outros segmentos.

As diferenças de contexto socioeconômico e familiar fazem com que crianças tenham maiores ou menores oportunidades de participar de atividades sociais mediadas pela oralidade e escrita. No Brasil, as disparidades sociais acirram ainda mais essas diferenças: casas que consomem a tecnologia da era da Internet são vizinhas daquelas em que é difícil encontrar lápis e papel.

Além disso, não se pode esquecer que a aprendizagem se realiza através do confronto entre o que se sabe (conhecimento prévio) e a nova experiência que se vive (elemento novo).

Kleiman (1986, p. 13) nos lembra:

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe. O conhecimento adquirido ao longo de sua vida, é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor conseguir construir o sentido do texto.

O fenômeno é mais nítido, quando uma unidade social frouxa entre os habitantes, com a segregação dos “bem-nascidos” em relação ao vulgar. Estabelece-se então a oposição facilmente perceptível entre língua culta e língua popular ou linguajar. Aquela nos estados políticos solidamente constituídos, tende a se estabelecer como “padrão de linguagem”, ou “língua normal”, que as camadas oficiais e a escola difundem por meio de técnicas variadas.

Dessa forma, não é possível aceitar que as divisões sociais sejam imperativas na definição de quem fala “correto” ou quem fala “errado”. A riqueza das variações lingüísticas e a criatividade na oralidade são integrantes do universo de aprendizagem da língua.

1.2.5 A Oralidade na Produção Textual

Para entender melhor o fenômeno da produção de textos escritos, é importante compreender primeiramente, a característica do

texto escrito ou oral, unidade lingüística comunicativa, já que o que as pessoas têm para falar umas com as outras não é constituída por palavras nem frases isoladas, mas por textos.

O texto pode ser definido como uma ocorrência lingüística falada ou escrita, em uma extensão sócio – comunicativa, com um sentido semântico e formal, pois antes de mais nada é uma unidade de linguagem em uso constante, no cumprimento de uma função identificada em sua atuação na qual vivencia regras que a sociedade exige.

Nesse sentido, é importante incentivar o aluno a produzir seus próprios textos, objetivando estimular sua criatividade. O texto constitui, por sua vez, uma unidade semântica. Para que seja texto, precisa ser percebido pelo leitor como um todo de significados. Seus constituintes lingüísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados de modo a permitir que sejam percebidos com coesão e coerência.

A vivência dessa prática permite ao aluno perceber as diferentes funções da escrita e a adequação da linguagem necessária a cada situação de comunicação. É essencial que cada um descubra o mundo da escrita e que sinta prazer em fazer parte dele.

As atividades de produção de textos devem estar inseridas em um contexto de varias situações de interlocução, permitindo uma comparação entre o que têm de comum e diferente; assim, o aluno poderá construir o seu próprio caminho, dentro de sua própria realidade, estabelecendo com clareza o que vai dizer, a quem dizer, o porquê e para quê, acrescentando o como irá escrever, expressando sua imaginação e criatividade.

O aluno deve ser estimulado a trocar idéias com os colegas, com o grupo ou com o próprio professor, levando-o a rever o que escreveu. Através da revisão, o aluno deve perceber se a produção está coerente, se apresenta organicidade, atentando para as questões de ortografia, de gramática, de pontuação. A articulação desses elementos deve colaborar para tornar o texto mais claro, coeso e preciso.

Todo cidadão, que participa de uma comunidade letrada, precisa ler, isto é, compreender e usar adequadamente, os diversos tipos de textos que circulam socialmente. Somente lê de maneira ativa o leitor que confronte seus conhecimentos prévios com os do texto e, a partir desse confronto, constrói sua própria leitura. Quando escreve um texto, o aluno comunica intenções que podem ser enriquecidas ou contestadas pelo leitor, a partir dos objetivos que determinam a sua leitura e das experiências que traz consigo. Assim, o significado da leitura se realiza no momento da interação com o texto.

Entendemos que o ato de ler não deve ser restrito, e sim, abranger vários aspectos, para que possamos ampliar nosso universo cultural de informações e valores; por isso, é importante que a escola ensine os alunos a ler e a escrever não só palavras, mas textos na dimensão onde a aceitabilidade, a intencionalidade, a situacionalidade e a informatividade sejam valorizadas. A leitura não só envolve os problemas de semântica, da cultura, da ideologia, da filosofia como também problemas fonéticos. É a concretização do ato de escrever. Quem escreve, escreve para ser lido. É o encontro com o novo, o imaginário, e também a busca do saber científico.

A escola deve ensinar a função social de cada texto, suas condições de uso e as diferentes estratégias de leitura, com questões, como: o texto serve para que? Quem escreveu? Para quem foi escrito? Que coisa diz? Com qual intenção? Só assim encontraremos meios para que nossos alunos procurem se tornar competentes leitores e produtores de textos. Nesse sentido, a fala deixa de ser vista como o lugar do erro, passando a possibilitar a mediação entre o oral e o escrito, tão pretendidos pelos professores no momento da correção das redações, pois, quando o assunto é redação escolas, temos que levar em conta todo um contexto sociocultural, que possibilitará aos professores avaliarem melhor as atividades de produção textual dos alunos.

A perspectiva no presente trabalho é demonstrar, através da produção textual dos alunos universitários, da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul, que a fala marca a produção escrita. Para

a realização do presente trabalho foram selecionados textos escritos (dissertações) realizadas pelos alunos do primeiro período do Curso de Letras da FAMASUL e, posteriormente, os mesmos alunos, no oitavo período, realizaram novas redações com os mesmos temas.

Nesse sentido, é importante apresentar ao aluno uma multiplicidade de textos que envolvam diferentes ao “por quê” e “para que” a prática da escrita se faz tão necessárias.

Entendemos que, para formar um escritor competente, é preciso apostar em uma proposta educativa com base no diálogo, na formação de cidadãos que tenham liberdade para ler, escrever e interpretar o mundo.

O trabalho de produção de textos orais e escritos pretende, portanto, evidenciar as marcas de oralidade dos alunos, permitindo através dos diferentes usos da língua a concretização do seu pensamento. Assim, acreditamos que o aluno venha a ter condições reais de desenvolver seu potencial crítico – reflexivo, adquirindo novas formas de expressão e de interação com seu interlocutor de maneira adequada e criativa, estimulando ao máximo a oralidade do aluno.

1.3 HISTÓRIA DA LÍNGUA FALADA E ESCRITA

As duas vertentes, a língua escrita e a língua oral, têm sido objeto de pesquisa de diversas dissertações de mestrado e teses de doutoramento, sobretudo, têm sido assunto discutido em congresso, palestras, mesas redondas, artigos científicos e livros afins, o que ocasiona grande circulação de trabalhos na área.

O uso da língua escrita é muito recente em comparação à língua oral. Isso pelo fato de nos nossos primórdios, os homens muito pouco usavam essa modalidade, visto que “a língua oral foi adquirida por processo de seleção natural operando ao longo de um milhão de anos...” (MARCHUSHI, 2003, p. 22). Passaram-se milhões de anos e os homens começaram a usar hieróglifos ou símbolos gráficos, escritos nas paredes das cavernas, nas pedras etc., com a finalidade de

representar algo, ou comunicar uma mensagem a alaguem. Depois tais hieróglifos se transformaram em símbolos ou letras, cujo objetivo era representar a fala³.

Paralelamente ao que temos dito sobre o fato de a origem da escrita datar muito pouco tempo, Marchushi (2003) afirma que a escrita surgiu a pouco mais de 3.000 a.C, enquanto que a espécie homo sapiens data de cerca de milhões de anos a.C. Destaca, ainda que a história da humanidade é muito fragmentada, ocultando alguns detalhes que seriam importantes para esclarecer a história da fala e da escrita.

1.3.1 Questões da Língua Oral & Escrita: Similaridade ou Disparidade

Fala e escrita têm sido apontadas como opostas por muitos teóricos da linha tradicional, embora, hoje já se veja que a oralidade e a escrita como práticas sociais que possuem um mesmo objetivo: a comunicação.

Marcuschi (2003) define a oralidade como:

[...] uma prática social interativa para fins comunicativos, que se apresentam sob variadas formas ou gêneros textuais na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal, nos mais variados contextos de uso.

Para o autor (2003) não se pode colocar de forma contundente as similaridades e diferenças entre Língua Escrita (L.E) e Língua oral (L.O), sem levar em conta o uso de uma língua na vida diária do falante. É impossível distinguir tais relações, se essa tentativa for baseada no código lingüístico, mas em vez disso focalizar essas modalidades com conjuntos de práticas sociais.

³ O certo é que a escrita não representa a fala, seja em que ângulo for que a observamos (MARCUSCHI, 2003).

Para Marcuschi (2003),

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...] porque a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, gestualidade os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros.

O indivíduo adquire a capacidade de falar naturalmente no dia-a-dia e no contexto social em que estiver inserido, utilizando-se dos diálogos, músicas que escuta e mesmo de programas televisivos que ouve e vê, dentre outros aspectos discursivos, embora se considere uma forma natural de aprendizado. Contudo, não deixa de ser um instrumento de inserção cultural e social, haja vista que a escrita é adquirida pela criança em contextos formais de aprendizagem.

As relações que são estabelecidas entre Língua Oral e Língua Escrita não são tão claras por si mesmas, nem seguem um padrão simples, visto que elas pressupõem um imutável dinamismo fundado num *continuum* que se manifesta como fenômeno entre essas duas modalidades de uso da língua.

Indicar a superioridade da modalidade escrita sobre a modalidade oral seria minimizar a relação controversa entre ambas, visto que não é possível afirmar que exista uma superioridade entre ambas, ou seja, é mais produtora levar em conta que aspectos estariam interrelacionados e, como diz Marcuschi (2003, p. 37), essa relação é não homogênea nem constante, afirmando:

[...] as diferenças entre a fala se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos [...] Isto equivale dizer que tanto a fala como a escrita apresenta um *continuum* de variações, ou seja a fala varia e a escrita varia. Assim, a comparação deve tomar como critérios básicos de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas.

Nesse sentido, pensar as duas modalidades como desprovidas de variações é querer sedimentar uma ou outra no tempo e no espaço e retirar toda a capacidade criativa e criadora da própria língua.

1.3.2 Língua Oral e Língua Escrita: Dicotomia ou Práticas de uma mesma Língua?

A primeira impressão que se tem ao analisar as relações existentes entre as duas modalidades de uso da língua, (fala versus escrita) é que a língua apresenta características dicotômicas. Nesse sentido, Marcuschi (2003, p. 28) considera que,

Autores como Chafe (1982, 1984, 1985), Tannen (1982, 1985) e Benveniste (1990), Halliday/Hasan (1989) percebem a relação entre fala e escrita dentro de um *continuum*, seja tipológico ou da realidade cognitiva e social.

A dicotomia apresentada estaria fundamentada no fato de que a linguagem se volta basicamente para o código e fica inerente aos fatos lingüísticos. Tal dicotomia foi precursora da afirmação que se faz necessário um conjunto de normas gramaticais ou prescritivismo de uma única norma lingüística, tida como padrão, isto é, a que originou hoje o que chamamos de uma norma padrão; como também originou dois pólos distintos numa mesma língua, quando atribuiu diferença entre a Língua Oral e Língua Escrita.

Dessa forma, Marcuschi (2003, p. 28) diz que tais dicotomias são frutos de uma observação empírica de uso da língua e não de características dos textos produzidos. A dicotomia estrita está muito presente nos livros didáticos, cujos autores têm uma concepção de língua estruturalista, ou seja, vê o ensino da língua como um ensino de regras gramaticais.

Há, contudo, quem defenda que não há dicotomia. Nessa perspectiva, Marcuschi (2003, p. 45) faz algumas comparações, entre essas duas vertentes:

- As semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente formais da língua, quanto nos aspectos sociocomunicativos (as diferenças estão mais na ordem das preferências e condicionamentos);
- As relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou pelo menos

graduais (considerando-se que o controle funcional do contínuo acha-se no plano discursivo);

- As relações podem ser mais bem compreendidas quando observadas no contínuo (ou na grade) dos gêneros textuais (que em boa medida se dão em relações de contrapartes, ocorrendo, em grau significativo, gêneros similares nas duas modalidades);
- Muitas das características diferenciais atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua (por exemplo, contextualização/descontextualização; envolvimento/distanciamento);
- Não há qualquer diferença lingüística notável que perpassa o contínuo de toda a produção falada ou de toda produção escrita, caracterizando uma das duas modalidades (pois as características são categorias exclusivas);
- Tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normatizadas (não se pode dizer que a fala não segue normas por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não-lexicalizados).

Afirma ainda, que a fala e a escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares e sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sócio-interativas diárias.

Conforme Marcuschi (2003, p. 37), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”. Assim, dentro desse *continuum*, seremos capazes de constatar que há textos escritos que têm mais proximidade ao pólo da conversação espontânea, sem preocupação com as exigências das normas da língua padrão e liberdade no uso das variações lingüísticas ou dialetos específicos, como por exemplo, acontece com os bilhetes, cartas familiares, emails, blogs, e, por outro lado, uma escrita de natureza mais formal, tendo, como exemplos, conferências, discursos oficiais, palestras, textos didáticos, entre outros.

Tanto a fala como a escrita percorrem um *continuum* que vai do nível mais formal ao informal, ou, inversamente, atravessando graus intermediários. A escrita é tida como uma estrutura complexa, formal, sem dependência com o contexto, já que a fala apresenta uma estrutura simples ou até mesmo sem estrutura, e de grande dependência do contexto em que está inserida. Devido a essas e outras

peculiaridades, como, por exemplo, a pausa, hesitações, truncamentos, a língua falada era até 1960 considerada como um lugar caótico.

Com o aparecimento da análise do texto falado, a ênfase foi dada no processo em si, de forma que a linguagem usada no texto discursivo, apenas como simples verbalização, carecendo ser analisada em suas condições de produção. Os fatores que deveriam ser considerados constitutivos entre fala e escrita satisfazem apenas a diferenças estruturais.

Logo, ao ser feita uma análise sobre língua falada, é imprescindível analisar de que forma se instaura a conversação, gênero típico da língua falada. Assim, dizemos que conversação é uma atividades iniciada de forma automática e livre na vida habitual, na maioria das vezes, face a face, entre interlocutores que interagem através da linguagem alternadamente sobre determinado assunto em uma situação social e tempos específicos e reais.

No diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte e, por meio dessa atividade interativa, deriva-se o texto conversacional, organizado numa determinada circunstância de comunicação. Nota-se que todo evento de fala ocorre num contexto situacional específico, compreendido como situação extralingüística.

1.3.3 Concepções da Escrita

Escrever é representar um pensamento ou palavras por meio de sinais gráficos; é compor algo; é o ato de produzir textos e enunciados. Estas são algumas das concepções sobre a escrita, encontradas nos dicionários de Língua Portuguesa. Ao trazermos tais concepções para a nossa realidade, vemos o quão complexas são.

Para Barthes, segundo Kaufman e Rodrigues (1995),

O verbo escrever podia ter diferentes significados. Quando quem escreve é um escritor, trata-se de verbo intransitivo: escreve pelo prazer de escrever, e as palavras utilizadas têm mais peso do que informação contida no texto literário. Quando quem escreve não é um escritor, o verbo passa a ser transitivo, e o que importa são os dados transmitidos....

Os autores fundamentam-se numa crença de que “alguém só aprende a escrever se antes aprender a gostar de escrever ...”. Para os autores, a prática da escrita em sala de aula ou mesmo no espaço de convivência familiar é fundamental para motivar o indivíduo a gostar de exercitar o ato da escrita. A ausência dessa prática pelo fenômeno da carência de materiais como livros, cadernos, lápis, entre outros, favorece a não preocupação ou o não gostar de escrever.

A produção textual está vinculada às áreas do conhecimento, especialmente no que diz respeito ao Ensino/aprendizagem da língua materna.

Produzir um texto ou enunciado requer não só prática, mas, um aprimoramento, uma vez que escrever não é um dom, como alguns podem pensar, e sim uma prática que deve ser aperfeiçoada. O aperfeiçoamento implica na consideração de que escrever não é uma tarefa simples.

Nesse sentido, Faulstich (2000) afirma que “produzir texto é uma das tarefas mais complexas, tanto para quem pretende ensiná-la como para aquele que, na sala de aula, todos os dias, dispõe-se a aprendê-la”.

Saber redigir não é decodificar, não é estampar num papel palavras e mais palavras, isto é, não é passar uma mensagem que simplesmente possa se compreender, pois, quando se refere ao estudo de língua portuguesa, tudo isso fica muito aquém das normas padrões exigidas pelos profissionais no ensino da Língua Portuguesa.

Há quem não tenha conhecimento sobre o que é “Língua” e como ela funciona? Alguém poderia afirmar que a idéia de um discurso escrito seja compreensível, porém estaria deturpando os padrões lingüísticos em relação à escrita, já que para alguns lingüistas, é indispensável a “norma culta” e não basta só compreender o que está escrito? Para estes, tudo que difere da “língua padrão”, não é considerado, mas dito como “erro”. É como afirma Soares (1999, p. 41):

Os demais dialetos de grupos de baixo prestígio social são avaliados em comparação com o dialeto de prestígio, considerado a norma-padrão culta, e julgados, naquilo em que são diferentes dessa forma, “incorretos”, “ilógicos” e até “feios”. Essas atitudes em relação aos dialetos não-padrão não são lingüísticas; são atitudes sociais, culturalmente aprendidas, pois se baseiam em valores sociais e culturais, não em conhecimento lingüístico.

E o que seria escrever bem? Talvez, seria não fazer uso dos diversos tipos de vícios de linguagens, como: barbarismo, solecismo, ambigüidade ou anfibiologia, cacófato, pleonasma, neologismo, arcaísmo e eco? Não utilizar marcas de oralidade? Para Faraco e Moura (2000), é necessário que haja coesão e coerência, pontuação, acentuação e estética, para que o que está sendo discorrido tenha um ajuste perfeito, ou seja, escrever bem é estar em plena sintonia com a norma padrão.

Não há dúvidas, portanto, que fabricar um texto exige uma série de elementos do campo lingüístico, e mais do que isso, é necessário entender todo esse “universo”.

A língua escrita “deveria” ser apenas a representação gráfica e visual da língua falada. Entretanto, por várias razões, não é o que acontece. A linguagem falada é mais solta, livre, espontânea e emotiva, pois reflete sempre um contato humano direto. Já a língua escrita é mais disciplinada gramaticalmente, dela resulta um texto bem mais elaborado.

Nesse ponto, é fundamental destacar dois aspectos relativos à gramática: há uma gramática oficial, chamada ‘Gramática Normativa’, que estabelece os padrões cultos da língua e a ‘Gramática’ chamada de Natural, que estabelece regras gerais da língua para que qualquer fala seja decodificada. A linguagem e as outras atividades se correlacionam; os interesses e necessidades de cada época impõem mudanças à linguagem, seja falada ou escrita, e esta, por sua vez, é essencialmente um elemento da cultura de um povo. A linguagem falada é espontânea e improvisada. A presença do ouvinte, os gestos, os olhares, o franzir da testa, os tons da voz auxiliam a comunicação oral. A linguagem escrita é geralmente, mais elaborada que a falada.

Sobre isso, assim se manifesta Borba (1975, p. 64-5):

A fala, de aplicação momentânea, é fruto da necessidade psicológica de comunicação e expressão. Porque é a realização individual, torna-se flutuante e varia, pois muda de indivíduo para situação. Alterando-se facilmente pela influência de fatores diversos, estados psíquicos, ascensão social, migração, mudança de atividade. Não é, porém, um fator de criação e sim de modificação. O indivíduo, pelo ato da fala, não cria a língua, pois recebe e usa aquilo que a sociedade lhe ministrou e, de certa forma, lhe impôs.

A gramática dos falantes é sempre completa; sistema de todas as regras necessárias para poder falar. Mesmo a criança de cinco a seis anos, que já fala com desembaraço, e o mais humilde dos analfabetos, necessariamente dominam a gramática completa que orienta seus atos de fala. Do contrário, não haveria como falar. Naturalmente, há variantes da gramática, conforme grau de cultura ou nível sócio-cultural com marcas que são completos em si, dispondo de todos os elementos de que os falantes precisam para produzir textos e comunicar-se.

A gramática na língua padrão e não-padrão é uma variedade lingüística de recantos de nosso país. Essa variante, porém, se estabelece principalmente na fala, sendo marcante sua pronúncia e até caracterizada no que diz respeito à instrução do falante, variando de região para região dentro da mesma língua portuguesa.

É valioso salientar algumas considerações das duas variedades (pré) dominantes em nosso reduto social: o português não-padrão é natural, porque sua lógica de funcionamento segue as tendências naturais da língua, que criam regras que são automaticamente respeitadas pelo falante, ao passo que o português padrão é artificial, por ser uma variedade que sofre as limitações impostas pela sua padronização, que dita regras para serem memorizadas e que exigem treinamento para serem obedecidas.

O português não-padrão é transmitido de geração para geração, é um patrimônio lingüístico compartilhado no convívio da família e com as pessoas da mesma classe social, o que não acontece

com o português-padrão, que tem que ser adquirido na escola, por meio principalmente da forma escrita da língua.

As regras do português não-padrão são apreendidas naturalmente pelo falante, enquanto as do português-padrão têm que ser aprendidas, decoradas, memorizadas, exigindo um treinamento lingüístico especial da parte do falante.

O português não-padrão é funcional, porque trata de eliminar todas as regras desnecessárias e supérfluas, que se repetem e se sobrepõem. Já o português padrão é redundante porque faz uso de muitas regras para dar conta de um único fenômeno.

O português não-padrão é inovador porque se deixa levar pelas forças vivas de mudança que estão sempre ativas na língua.

1.3.4 Escrita *versus* Gramática

Para escrever bem, é preciso “conhecer a gramática”? Esta é uma pergunta questionada por muitos.

Bagno (1999, p. 55) mostra que, “durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais se dedicaram exclusivamente à língua escrita literária formal”.

A gramática surgiu na Grécia com o intuito de preservar a cultura clássica. Os romanos a estabeleceram, dando continuidade à idéia dos gregos, de que a gramática é a arte do bem escrever. Afinal, é ela que esclarece os elementos de uma língua, seus sons, formas, palavras, construções e recursos expressivos, ou seja, é um conjunto de regras que determinam o uso considerado correto de uma língua. Ainda à luz de Bagno (1999, p. 56),

Quando o estudo de gramática surgiu, no entanto, na Antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais ‘corretas’ e ‘elegantes’ da língua literária. Aliás, a palavra gramática, em grego, significa ‘a arte de escrever’.

Para Suassuna (1995), a grande preocupação da escola, incluindo o livro didático, foi a do ensino “certo” em detrimento do ensino “errado”, coincidindo com a idéia de que os autores na área de Língua e Linguagem reforçavam que a gramática é “um instrumento do bem falar e escrever” (p.26). A autora chama a atenção para a grande preocupação com os usos retóricos da linguagem, o cuidado excessivo com a forma, a noção de arte de escrever (p.29).

Brito (1997) conclui que graças à força da tradição, a gramática continua sendo o objeto privilegiado do ensino da língua, fazendo com que se afirme que dominar uma língua implica apreender um conjunto de regras que determinam como é que se deve falar e escrever, ou seja, como o ensino da escrita passa para a esfera da aprendizagem de normas gramaticais, ensinar a escrever é levar o indivíduo a fixar um padrão de linguagem, ensinado como o único uso linguisticamente correto, a única linguagem representante da cultura, portanto, a norma culta ou padrão.

As escolas preconizam bastante o uso da gramática, pois é ela que oferece todas as regras para uma linguagem culta. Porém, o que não pode ser esquecido, é o fato de que muitos professores de língua portuguesa usam ainda um método tradicionalista, deixando, muitas vezes, a desejar em suas aulas, causando conflitos em relação ao estudo de gramática e seus benefícios. Souza e Waldeck (1995,p.83) destacam que

:

“o domínio da modalidade escrita deveria ser o grande objetivo da escola, desde as séries iniciais até o ciclo básico, quando então esse domínio é mais um pressuposto operacional, capaz de orientar informativa e formativamente todos os estudos”.

Entretanto, é de extrema relevância que o educador tenha discernimento para perceber a importância de conhecer a gramática, isto é, para quê ela serve. E que ele possa, também, deixar transparente as questões dos vícios e figuras de linguagens e do regionalismo, o que é muito usado em nosso cotidiano.

Enfim, o docente deve ter destreza para explicar a norma-padrão e a não-padrão, de forma que os discentes entendam que a linguagem informal pode ser usada, mas que não deve ser utilizada na escrita.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Há uma variedade escrita, conhecida como “Norma, padrão”, tida como norma oficial, usada em leis, na literatura, nos meios de comunicação, mostrada nos dicionários, falada por governantes e explicadas por gramáticos e lingüistas. Talvez, por isso é que a norma culta seja tão cobrada nas produções textuais, ou seja, de tornar cidadãos preparados para um convívio social mais elevado. Mas, que fique aqui bem claro, que produzir textos, é, certamente, uma tarefa difícil.

Quando se trata de escrita, de produção textual, existe uma imposição de normas e regras por parte da língua portuguesa, porque, nessas modalidades, o padrão lingüístico culto ainda é o mais privilegiado.

Grande número de estudantes termina o Ensino Médio sem a competência de construir textos coesos, coerentes e eficazes. Muitas vezes, os textos por eles produzidos são marcados por resquícios da oralidade, o que os prejudica na hora de prestar vestibulares, concursos, etc.

Para Koch (1999, p. 25),

[...] alguns acham que o texto é um artefato lingüístico formado pela combinação de letras (ou sons) que formam palavras que rotulam coisas do mundo real que forma sentenças que têm um sentido literal que existem textos totalmente explícitos descontextualizados e autônomos que para produzir e compreender textos basta dominar o código[...].

É evidente que a resposta e/ou o resultado disto só poderá ser negativo. Para se tornar um escritor competente, é necessário também, conhecer os diversos gêneros textuais e saber qual utilizar, de acordo com o que está sendo proposto, mas, é importante não esquecer que a Língua está em constante evolução, como mostra Bagno (1999, p. 117):

A gramática tradicional tenta nos mostrar a Língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento toda Língua viva é uma Língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vai dando. E o professor também deve preferir ser uma 'metamorfose ambulante, do que ter aquela opinião formada sobre tudo', como cantava Raul Seixas contrariando, nesses mesmos versos, a 'velha opinião formada' de que o verbo preferir não pode ser usado com a construção do que....

A relevância que se dá à norma culta nas produções textuais, seja decorrente do fato de que aquilo que se escreve, isto é, a língua escrita, é um registro, permanece ao longo do tempo, não tem o caráter efêmero da língua falada. Outro ponto importante, é que, quem conhece a norma culta pode com propriedade, entender, por exemplo, as obras literárias, artigos de jornal, discursos políticos, obras teóricas e científicas, enfim, tem uma dimensão ampla de "coisas" que podem parecer complexas.

Portanto, o ato de produzir texto com um nível padrão culto exige muito esforço e prática contínua de leitura, escrita e um vasto conhecimento gramatical, para que seja possível dissertar de forma competente.

1.4.1 Gêneros discursivos

A necessidade da comunicação é que faz criar as possibilidades para que ela aconteça, sabendo-se que, no início da história da humanidade, a comunicação acontecia por desenhos, pinturas rupestres. A partir disso, vimos que não há possibilidade de

comunicação verbal sem a utilização de alguns gêneros, assim como é impossível se comunicar verbalmente se não por algum texto, segundo Dionízio, Machado e Bezerra (2002, p. 22 *apud* Bakhtin 1997 e Bronckat, 1999, p. 103). Essa posição é adotada por inúmeros autores que estudam a língua nos aspectos discursivos e enunciativos. Esses autores seguem a idéia de língua e não o aspecto formal e estrutural presente nas gramáticas. É nesse âmbito que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para atuar no mundo, constituindo-o. A partir daí, podemos perceber que comunicar-se eficientemente parece, a princípio, algo fácil e simples a qualquer pessoa, dada a agilidade e habilidade que todos têm de usar a linguagem. No entanto, durante esse processo, realizado automaticamente, ou seja, sem uma real competência lingüística, não se questiona a seqüência de passos a percorrer para que se consiga realizar o complexo ato de comunicação por uma língua.

Nesse sentido, a comunicação seria extremamente difícil se, como diz Bakhtin (1997, p. 302), os indivíduos não dominassem os gêneros de discurso e tivessem de criá-los no processo de fala. As dificuldades de criação de um gênero, a cada construção de enunciado de modo totalmente livre, seriam sentidas na perda da agilidade do processo. Daí ser necessário admitir, com Bakhtin (1997), que a língua se realiza por meio de enunciados (orais e escritos). Dadas as diferentes situações de uso, os enunciados vão sendo organizados, agrupados em tipos, de acordo com a finalidade, e ensinados de forma a levar o aprendiz a tomar conhecimento dos diferentes tipos e a usá-los de acordo com os objetivos que têm em mente.

Os enunciados organizados e agrupados são utilizados em toda e qualquer atividade humana. Essas atividades se caracterizam por condições especiais de atuação e por objetivos e, sendo inúmeras, cada esfera de atividades desenvolve tipos relativamente estáveis de enunciados que passam a ser comumente associados a elas. Mesmo variando em termos de extensão, conteúdo e estrutura, os enunciados conservam características comuns, daí serem considerados tipos relativamente estáveis. Bakhtin (1997) chama de gêneros de discurso

esses tipos estáveis de enunciados. Vale ressaltar que o termo gênero normalmente é associado aos estudos literários, daí a tendência, nos estudos lingüísticos, para o uso da expressão tipos de texto, considerada mais neutra (Silva, 1995).

Os gêneros textuais são importantes, em primeiro lugar, pelo simples fato de que não nos comunicamos através de modalidades retóricas, nem mesmo através de textos em geral, mas sim através de gêneros textuais específicos (BAKHTIN, 1992).

Segundo Bakhtin (1992), o falante-ouvinte elabora uma estrutura comunicativa de acordo com uma situação lingüística determinada que se manifestará dentro dos padrões praticados pelos comunicadores no ambiente em que vivem – portanto, marcada pelo contexto social, cultural e histórico dos comunicadores, ou seja, essas formas podem ter estruturas que variam de acordo com o contexto de produção e com a individualidade de cada falante/usuário. Logo, pode-se deduzir que há uma variedade infinita de formas para se classificar os gêneros textuais.

Para Schneuwly (1996), os mecanismos elaborados por um indivíduo para a compreensão de textos escritos e orais envolvem os elementos centrais da atividade humana: sujeito, ação, instrumento. O sujeito seria o elemento que enuncia a comunicação; a ação, a situação determinada em que ocorre a comunicação; e o instrumento, a escolha do gênero textual que vai adequar-se à situação do momento.

Todorov (1980) define gênero como uma codificação de propriedades discursivas e diz que um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Ainda diz que os gêneros evidenciam os aspectos constitutivos da sociedade a que pertencem.

De forma sucinta, pode-se inferir que o autor entende que a sociedade institucionaliza certas propriedades discursivas, regem a produção e percepção os textos. Assim, um gênero se apresenta como a codificação de determinadas propriedades discursivas. Ao mesmo tempo, essas propriedades permitem uma distinção entre vários

gêneros, a partir de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que compõem cada discurso.

Gêneros textuais são, pois, tipos específicos de texto de qualquer natureza, literários ou não (SWALES, 1990), tanto na forma oral como na escrita. Os gêneros textuais são caracterizados por funções específicas e organização retórica, mais ou menos típicas. São reconhecíveis pelas características funcionais e organizacionais que exibem e pelos contextos onde são utilizados. São formas de interação, reprodução e possível alteração social que constituem ao mesmo tempo, processos e ações sociais e envolvem questões de acesso (quem usa quais textos) e poder.

Os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais, a sua própria vida, são, em grande parte, determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e “consomem”. Pode-se mesmo afirmar que a própria cultura de um país, como um todo, é caracterizada pelo conjunto dos gêneros textuais produzidos e utilizados pelos seus cidadãos.

Para que a diferença entre gênero e tipos textuais se estabeleçam de forma mais simples, uma definição é exposta por Dionízio, Machado & Bezerra (2002) e outros autores que defendem uma posição similar, entre eles Biber (1988), Bronckat (1999):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relação lógica). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção). Usamos a expressão gênero textual como noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida e que apresentam características sócio – comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (BRONKART, 1999, p. 45).

É necessário salientar que os tipos textuais são poucos, já que os gêneros são diversos. São gêneros textuais: telefonema, sermão, bilhete, carta comercial, carta pessoal, reportagem jornalística,

aulas expositivas, bula de remédio, listas de compras, para citar alguns. Marcuschi (2002, p. 24), partindo desse pressuposto, afirma que texto é a essência concreta, materializada e inclusa em algum gênero textual, ou seja, é resultado final de uma ação recíproca que pode ocorrer na língua falada ou na língua escrita. Assim, em qualquer instância da vida, estamos produzindo textos, muitas vezes sem consciência disto. Dessa forma, é possível criar textos independente da idade, nível social ou cultural do indivíduo.

A expressão tipo textual é usada para indicar uma categoria de construção teórica definida pela essência da língua e de sua composição (aspectos lexicais, sintáticas, tempos verbais, relação lógica). É diferente de gênero textual, como uma noção (informação, conceito) propositalmente vaga para referir os textos materializados que circulam no nosso dia-a-dia e apresentam características sócio comunicativa definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características (MARCUSHI, 2002, p. 24).

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais, que determinam os gêneros que darão forma aos textos. Os vários gêneros existentes, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na leitura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional”.

É importante distinguir a noção de gênero textual da noção de modalidades retóricas ou modalidades discursivas. Enquanto os gêneros textuais constituem tipos específicos de textos, as modalidades retóricas ou discursivas constituem as estruturas e as funções textuais tradicionalmente reconhecidas como narrativas, descritivas, argumentativas, procedimentais e exortativas (LONGACRE, 1983 e VITARNEN, 1992). Essas modalidades são estratégias utilizadas para organizar a linguagem, muitas vezes independente das funções comunicativas associadas aos gêneros textuais específicos. Assim, com frequência, um único texto contém mais do que uma dessas modalidades. Por exemplo, uma carta pessoal pode conter trechos narrativos (um histórico do que pessoa que escreve tenha feito

ultimamente), trechos descritivos (como é o lugar onde está morando), trechos procedimentais (instruções para alguém enviar-lhe dinheiro), trechos exortativos (incentivando um colega a vir morar na cidade onde está), e trechos argumentativos (defendendo uma perspectiva de vida). Enquanto as modalidades retóricas constituem um número extremamente reduzido, os gêneros textuais existem em número muito maior. Existem tantos gêneros textuais quanto as situações sociais convencionais onde são usados em suas funções também convencionais.

Sob o ponto de vista da noção de modalidade retórica, uma propaganda e uma carta pessoal podem ser classificadas como textos exortativos, porque elas têm como objetivo principal a intenção de influenciar o comportamento ou a conduta de alguém (LONGACRE, 1992). Entretanto, conforme seus nomes indicam, esses mesmo textos são exemplares de gêneros textuais específicos porque cada um apresenta uma organização retórica individual típica e uma função peculiar características do gênero.

1.4.2 Contínuo textual

A oralidade e a escrita são dois fenômenos inerentes ao ser humano e, entre a linguagem oral e a linguagem escrita, há mais semelhança do que diferenças. Cada uma dessas modalidades discursivas possui características particulares, é um fato que não se pode negar, mas é inegável também que muito há em comum entre elas.

A maioria das pesquisas mais antigas sobre a linguagem oral e a linguagem escrita foi feita baseada em textos de conversação espontânea (da fala) em comparação com textos em prosa expositiva (da escrita). Sem dúvida alguma, um determinado texto da conversação espontânea, como uma conversa entre amigos, apresenta características da oralidade e pode certamente representar a linguagem oral, assim como um texto em prosa expositiva, como um artigo

acadêmico, apresenta características da escrita e representa, a linguagem escrita.

As linguagens oral e escrita não ocupam as extremidades de uma linha reta; não são dicotômicas. Logo, devem ser analisadas como duas práticas discursivas cujas extremidades se situam; de um lado, o grau máximo de informalidade e, de outro, o grau máximo de formalismo.

Tannen (1982), reconhece as particularidades dessas modalidades, mas afirma que estratégias da oralidade podem ser encontradas num texto escrito em prosa, bem como podem ser encontradas estratégias da escrita num texto oral mais tenso. Na sua opinião, as diferenças formais se dão em função do gênero e do registro lingüístico, e não em função da modalidade.

Segundo ainda a autora, essa noção de um contínuo pode ser observada até com mais rigor. Tannen (1985), enfatizando o envolvimento interpessoal como um dos traços importantes na comparação entre as modalidades, retoma a idéia das duas estratégias e procura comprovar que as estratégias discursivas decorrem do grau de envolvimento e que permeiam as modalidades oral e escrita num contínuo.

Muitos outros estudiosos nos legaram subsídios com suas comparações entre as modalidades para uma análise consistente do contínuo em que se situam os diversos tipos de textos. Chafe (1982) o faz, levando em consideração um envolvimento maior ou menor dos interlocutores; Halliday (1987 e 1989) descreve a complexidade estrutural das modalidades; Britton (1975) demonstra que as diferenças dos gêneros se fundam nas suas condições de produção; Biber (1988) descreve as dimensões significativas de variações lingüísticas, a relação entre os gêneros e o contínuo tipológico nos usos da língua.

Para Koch (1997, p. 32),

Existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos da fala conversacional (bilhete, carta familiar, textos de humor), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos

dentre outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Marcuschi (1995) também se preocupa em analisar as formas textuais num contínuo tipológico, embora a sua preocupação principal tenha sido com a contextualização e explicitude na relação entre a fala e a escrita, principalmente para demonstrar a inconsistência da dicotomia contextualização x descontextualização.

Nesse trabalho de Marcuschi, surge, pela primeira vez provavelmente, o termo “*continuum*” tipológico que foi sugerido por Biber (1988), para quem, na comparação entre a fala e a escrita devem ser consideradas as seis dimensões significativas de variação lingüística e a relação entre os gêneros respectivos a cada um deles e o contínuo tipológico nos usos lingüísticos, evitando comparações dicotômicas, baseadas apenas em textos prototípicos de cada modalidade. Dessa forma, não se pode conceber que qualquer caracterização lingüística ou situacional da fala ou da escrita se efetiva em todos os gêneros orais ou escritos. No contínuo tipológico, há gêneros orais e escritos muito semelhantes (conferência, artigo acadêmico, dentre outros) e outros muito distintos (bate-papo, seminário, bilhete). Isso ocorre porque não há homogeneidade na relação oralidade/escrita.

Para Pawley & Syder (1983), as diferenças entre coloquialismo e gramática literária podem ser mais bem compreendidas quando a análise sé feita, considerando as situações de uso das modalidades oral e escrita. Tal situação de uso, no entender dos autores, insere-se num contínuo, em cujas extremidades se colocam em um lado o uso convencional, e do outro, o uso coloquial e o uso autônomo ou formal.

Considera-se, ainda, que não se pode definir a linguagem escrita como um mero aglomerado de propriedades formais, imune à influência da linguagem oral, de cujas propriedades se distingue completamente. Elas não são estanques; ambas selecionam seus itens de um mesmo sistema de possibilidades lingüísticas – a língua, que

lhes serve como fonte de alimentação das produções dos seus falantes e de seus escritores.

Para Kato (1987, p. 34), o que determina as diferenças entre as modalidades oral e escrita são as diferentes condições de produção, que refletem uma maior ou menor dependência do contexto, um maior ou menor grau de planejamento e uma maior ou menor submissão às regras gramaticais.

A dependência contextual determina o grau de explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade, que pode ir do menos tenso (casual ou informal) até o mais tenso (formal gramaticalizado).

No entanto, é Marcuschi (2001, p. 37), que, retomando a hipótese do “*continuum*” tipológico que Biber (1988) suscitou e, provavelmente, considerando os escritos de Kato (1987, p. 34), descreve com mais particularidade o que venha a ser o contínuo tipológico. O autor observa que a impressão que se tem da escrita é a de um fenômeno, se não homogêneo, pelo menos bastante estável e com o mínimo de variação. O que se tem de fala, ao contrário, é de um fenômeno conturbado. Daí, concordamos com a hipótese de Marchushi, (2001, p. 37) de que

As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.

É por isso que ele afirma que sua preocupação é com as correlações em vários planos, de onde surge um conjunto de variações, e não tão somente uma simples variação linear.

Certamente, a idéia de contínuo tipológico respalda a tese de que há mais semelhanças entre as modalidades discursivas da língua do que diferenças entre elas (MARCUSCHI, 2001). A idéia de contínuo também torna a tese da dicotomia entre as modalidades discursivas inconsistentes, pois, a partir dela, é possível comprovar que oralidade e escrita formam um mesmo sistema lingüístico e que, principalmente

por essa razão, não são estanques, apesar de seus processos de produção e meios de produção distintos.

Segundo Marcuschi (2001), ainda pode surgir a idéia das relações mistas dos gêneros a partir do meio e da concepção das modalidades. Para Bakhtin (1997), quando o indivíduo utiliza a língua, sempre o faz por meio de um tipo de ainda que possa não ter consciência disso; ou seja, a escolha de um tipo é um dos passos – se não o primeiro – a ser seguido.

Por isso, nessa perspectiva do *continnun*, os tipos textuais podem ser uma “ferramenta” que está à disposição do falante, sendo por ele escolhidos da maneira que melhor lhe convém, para, no processo de comunicação, auxiliá-lo na sua expressão lingüística. Tomar um tipo textual como uma estrutura básica normalmente usada em uma determinada situação, constitui uma valiosa “ferramenta” (ou “instrumento” de caráter cognitivo) que o falante procura, guia e controla para poder expressar comunicação, em maior ou menor grau, argumentativa, ou seja, uma comunicação cujo objetivo é eficazmente alcançado e concretizado; daí dizer-se que argumentatividade está inscrita no uso da língua. (SILVA, 1995).

1.4.3 Considerações teóricas sobre gêneros discursivos⁴

Schneuwly (1994) concebe os gêneros discursivos como instrumentos essenciais para o ensino da linguagem, os quais atribuem capacidades aos usuários da língua para agirem e interagirem em diversas situações comunicativas, inclusive pelas circunstâncias de pertencerem à situação que gerou a linguagem. Partindo dessa primícia, o autor enfatiza que o instrumento pode ser elo característico entre o homem e a ação, visto que, ao tornar-se próprio pelo sujeito da

⁴ O item 1.4.3 faz referência ao texto de GEORGETE, Marinete da Silva e LINS, N. F. *Uma leitura das marcas discursivas no gênero do discurso/dramatização*. (MONOGRAFIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA). Palmares: FAMASUL, 2006. pp. 19-21.

ação, torna-se útil, permitindo alteração no esquema da sua utilização e alteração, logo, não apenas age no meio em que vive o indivíduo, mas no próprio indivíduo.

Fundamentado nas teorias de Bakhtin (1953/1979/1997), Schneuwly & Dolz (1997) afirmam que a escola sempre trabalhou com gêneros do discurso, visto que são transpostos para sala de aula com a finalidade de servirem como suporte para atividades e práticas para construção de conceitos lingüísticos. Rojo (2001, p. 19) para tal justifica que toda forma de se comunicar é corporificada em um gênero, e aquilo que serve como instrumento para o ensino e aprendizagem não poderia ser diferente.

Schneuwly & Dolz (1997, p. 5) definem gêneros discursivos, como “autênticos produtos culturais da escola, elaborados como instrumentos para desenvolver avaliar progressivamente e sinteticamente a capacidade de escrita dos alunos. Para esses teóricos, o uso desses instrumentos resulta em dois efeitos distintos da aprendizagem: um amplia as capacidades do indivíduo que utiliza a língua; o outro amplia o conhecimento do objeto sobre o instrumento que é utilizado.

Dessa forma, no campo lingüístico, o ensino dos gêneros discursivos que estão em circulação no nosso âmbito escolar não apenas amplia a competência lingüístico-discursiva do aluno, como também designa formas pelas quais o aluno possa ter uma melhor participação social.

Rojo (2000) acentua que a definição de um gênero discursivo está relacionado a uma esfera da comunicação. Para o autor, o falante estaria impossibilitado de criar, modificar, alterar um gênero. Nesse sentido, encontra respaldo em Bakhtin (1997), o qual defende que não pode haver conceitos preestabelecidos ou modelos precisos e que não necessitem de acabamento, tendo em vista que mesmo fixa a inclusão de um determinado gênero em um domínio discursivo sucinto ser sempre incluso. Isso se deve ao fato de alguns fatores dificultarem sua conceituação, como, por exemplo, o gênero textual carta pessoal em sua íntegra, visto como gênero discursivo, cujas características

estruturais e funcionais diferirem, se fizermos inclusão desse mesmo gênero carta pessoal no gênero discursivo romance. O gênero romance forçara a perda das características inerentes ao gênero carta pessoal, tendo em vista que gênero romance terá supremacia sobre a carta pessoal, isso implica a mudança do sentido do gênero discursivo carta pessoal.

Para melhor compreender os questionamentos apresentados por Marcuschi sobre os gêneros discursivos, é importante definir algumas noções de texto, discurso, domínio discursivo e tipos textuais, haja vista que ao longo do texto de Marcuschi (2000) encontramos-lo usando tais palavras. Koch e Fávero (1988, p. 22) dizem:

[...] o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo e independente de suas extensões. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto [...].

Halliday (apud Koch, 1992), afirma que o texto (oral ou escrito) é a manifestação concreta do discurso, uma unidade de análise inserida numa perspectiva sócio-semiótica, na qual os significados são entendidos como criados a partir de escolhas de unidades discretas significativas, que são estruturalmente organizadas, disponíveis no sistema lingüístico e motivadas socialmente. Segundo Kress (1985, p. 32) discurso é constituído por:

[...] jogos sistematicamente organizados de declarações que dão expressão aos significados e valores de uma instituição. Um discurso provê um jogo de possíveis declarações sobre uma determinada área. Nisso provê descrições, regras, permissões e proibições sociais e ações individuais.

Dessa forma, se conclui que o discurso e os gêneros são formados nas estruturas e processos sociais – discurso deriva das instituições e gênero das ocasiões sociais convencionadas em que a vida social acontece. Os textos são, portanto, duplamente determinados: pelos sentidos do discurso eu aparecem no texto e pelas

formas, significados e construções de um gênero específico. Os domínios discursivos, segundo Marcuschi (2000), designam uma esfera ou instancia de produção discursiva ou de atividade humana. Tais domínios não são categoricamente textos, nem discursos, todavia proporcionam condições para o aparecimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, produzimos discurso jurídico, discurso jornalístico, discursos religioso etc., visto que tais discursos não abrangem um gênero específico, pois originam vários gêneros; já os tipos textuais designam uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição. Os tipos textuais abrangem uma diversidade de categorias como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Quando trata do gênero discursivo, Marcuschi (2000) utiliza a expressão Gêneros Textuais, considerando que se trata de aspectos que são constituídos da natureza empírica, inseparáveis ou extrínsecos da língua. Este conceito também é justificado por se tratar de algo realizado numa situação discursiva, entretanto, se a opção for a de gênero discursivo, remete à situação realizada no campo do discurso, ou seja, a uma situação discursiva pelo qual o contexto alude o seu aspecto sócio-comunicativo. Encontramos aqui o assinalar da designação de gêneros comunicativos.

Marcuschi (2000) afirma de maneira categórica que o ensino que focalize o aprendizado da língua portuguesa, a exploração dos gêneros textuais nas modalidades da língua falada e escrita serão presumivelmente bem sucedidos.

2 METODOLOGIA

2.1 Universo da pesquisa

Para uma compreensão da relação oralidade e escrita optou-se metodologicamente pela análise das marcas de oralidade presente em textos de alunos, estudantes do curso superior de Letras. Considerando a metodologia como o caminho a ser percorrido, o processo iniciou-se com a apresentação da proposta de pesquisa com os alunos ao comitê de ética, esclarecendo os objetivos, justificativa e descrevendo como seriam utilizadas as produções dos alunos, de maneira que preservasse a identidade e a integridade dos mesmos. A opção pela mesma turma em diferentes tempos históricos deu-se pelo fato dos alunos terem trabalhado no ano de 2005, na disciplina Técnicas de Redação, e suas produções ficarem guardadas em arquivo, na Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, durante um período de 5 (cinco anos), prática que marcou a história da instituição até os dias atuais. O autor do presente trabalho selecionou fragmentos em dois temas distintos e propôs aos alunos do Curso de Letras do 1º período (2005) e 8º período (2008), numa mesma sala de aula e com os mesmos alunos nos respectivos períodos, da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, na cidade de Palmares, na Mata Sul, interior do Estado de Pernambuco, a elaboração de textos dissertativos, os quais são analisados adiante. A preocupação inicial seria observar se haveria uma influência nas produções, haja vista serem alunos de uma mesma turma em períodos distintos, mas não houve problemas que interferissem na abordagem e na própria aplicação do novo texto redacional, produzido pelos alunos em sala de aula.

Os alunos produziram no ano de 2005, quarenta textos, e no ano de 2008, vinte. Isso se deveu ao fato de a turma iniciante do curso de Letras ter um quantitativo de alunos maior que a mesma turma

concluente em 2008. Para efeito de análise no presente trabalho, foram selecionados vinte e oito textos, sendo quatorze do primeiro período e quatorze do oitavo período. Os textos são identificados como textos A, para o ano de 2005 e texto B, para o ano de 2008. No sentido de uma maior liberdade de interpretação dos textos, optou-se por analisar os aspectos relacionados à oralidade e a escrita, considerando não os chamados “erros ortográficos”, mas a diversidade ou variação lingüística que se faz presente na escrita pela forma como se compreende a oralidade.

A escolha do primeiro período e do oitavo período, de uma mesma turma, justifica-se pelo fato de que, no primeiro período, os alunos estão ingressando na Faculdade, provenientes de diversas realidades socioculturais, ainda acostumados com o processo de redação aprendido nas escolas de nível médio, sejam públicas ou privadas; o oitavo período, fornece um perfil de desenvolvimento epistemológico, dada a natureza da produção de conhecimento que se processa ao longo dos anos com estudo, pesquisa e extensão, desenvolvidos pelos mesmos alunos. Desse modo, favorece um acompanhamento se as marcas de oralidade são preservadas, modificadas, extintas ou renovadas na produção textual. Se existe uma possibilidade de crescimento na modalidade escrita, conseqüentemente haverá um desenvolvimento maior no processo da oralidade, passando de simples diálogo, mas conversas mais reflexivas e com expansão do vocabulário, do uso de entonação, de critérios de leitura do mundo antes mesmo da leitura da palavra, parafraseando Paulo Freire, (2004),

2.2 Seleção dos textos

Foram utilizadas as produções escritas pelos alunos da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL, no 1º Período do curso, iniciado em 2005 e comparadas com as produções desses mesmos alunos em 2008, ano de conclusão do curso. Foi escolhido o gênero redação por ser mais explorado nas produções

textuais durante todo o curso e por fazer parte da rotina de atividades didático-pedagógica.

Inicialmente, foram analisadas as redações produzidas pelos alunos no primeiro período do curso, que se encontravam arquivadas na secretaria da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul, no município dos Palmares – PE. Em seguida, foram avaliadas as redações atuais dos alunos concluintes de letras para que se possa identificar e comparar as marcas da oralidade preservadas.

Para produção dessas redações, foram oferecidos dois temas aos alunos, os quais poderiam escolher, dentre quatro fragmentos o que mais lhe agradasse em cada grupo temático. Os fragmentos e os temas apresentados são fornecidos a seguir.

Todas as produções foram disponibilizadas pela instituição e pelos alunos que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNICAP.

FRAGMENTO 1

"... dentro do presídio de *segurança máxima* Bangu IV, no Rio de Janeiro, há uma "feira" de drogas, os detentos utilizam celular, rádio transmissor, além de uma boca de fumo funcionando a toda hora..."

Repórter Pedro Bial – Programa Fantástico – Rede Globo- 07.12.2003.

FRAGMENTO 2

" Historicamente, o Brasil gasta muito com programas sociais que beneficiam os mais ricos."

JC – 23.11.2003.

FRAGMENTO 3

"Agora conto com a Justiça. Quero que esse assassino menor de idade não vá para a rua de novo, como já foi antes. Não é a primeira vez que ele mata alguém. Acho que pelo menos uma vez se deveria discutir seriamente a questão da maioria penal. Espero que nossas autoridades não sejam tão relapsas quanto foram até aqui. Se tivessem agido diferente, minha filha estaria viva. "

Ari Friedenbach – advogado – pai de Liana Friedenbach, assassinada brutalmente e o namorado Felipe Caffé, morto dias antes por Champinha (16 anos) e comparsas em São Paulo. Revista Época – 17.11.2003.

FRAGMENTO 4

"As acusações de roubo, extorsão, tráfico de drogas e homicídio contra policiais subiram 400% nos últimos cinco anos. As ouvidorias recebem 3.000 denúncias contra policiais todos os meses. Proporcionalmente, é 100 vezes mais que serviços semelhantes na Inglaterra. "

Revista Veja – 04/08/1999.

Com base nos fragmentos acima, redija um texto dissertativo entre 20 e 25 linhas com o seguinte tema:

TEMA 1:

"Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio."

Martin Luther King

2004

FRAGMENTO 1

"A NOVA FONTE DA JUVENTUDE - A mais recente promessa de energia e rejuvenescimento é a procaína, um anestésico que virou febre entre os ricos e famosos, mas é criticada pela comunidade científica."

Revista IstoÉ - 08.10.2003.

FRAGMENTO 3

"APARÊNCIA É TUDO - 44% das crianças estão sempre de olho nas gordurinhas extras e 14% consomem produtos de baixas calorias. Entre os meninos, 65% dizem se importar com as roupas que usam e 36% escolhem o que comprar."

Revista Época - 03.11.2003.

FRAGMENTO 2

"O Brasil é um dos campeões mundiais de cirurgia plástica. Nos últimos dez anos aumentou em 580% o número de intervenções, chegando perto de 400 mil operações (nos Estados Unidos, o primeiro do ranking, a média anual é de 500 mil)."

Revista IstoÉ Especial - Saúde da Mulher - 2002.

FRAGMENTO 4

"Quem gosta de beleza interior é decorador."

Alexandre Frota - Casa dos Artistas - SBT

FRAGMENTO 5

"Mulher feia e jumento só quem procura é o dono"

Frase de pára-choque de caminhão.

TEMA 2:

A supervalorização da beleza exterior x Valores morais. Qual o vitorioso?

3 AS MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS UNIVERSITÁRIOS

3.1 Resultados e análises

É comum que parte dos pesquisadores em linguagem e lingüística afirmem que exista diferenças baseada em textos de conversação espontânea (da fala) em comparação com textos em prosa expositiva (da escrita). Sem dúvida alguma, um determinado texto da conversação espontânea, como uma conversa entre amigos, apresenta características da oralidade e pode certamente representar a linguagem oral, assim como um texto em prosa expositiva, como um artigo acadêmico, apresenta características da escrita e representa de forma satisfatória a linguagem escrita. Contudo, esses representantes distintos se opõem completamente, não só porque pertencem a fenômenos discursivos “a priori” distintos, mas principalmente porque pertencem a gêneros diferentes, cujos processos de produção, condições de produção e objetivos, entre outros elementos, se distinguem completamente. Conversa informal e artigo acadêmico são, sem sombra de dúvida, tipologias diferentes e certamente poder-se-iam colocar nas extremidades de uma linha reta.

A comparação entre a linguagem oral, cujo representante é uma conversa informal entre amigos, e a linguagem escrita, cujo representante é um artigo acadêmico, apenas porque ambos são modalidades discursivas da língua é, no mínimo, inconveniente. Naturalmente, provar-se-ia que são diferentes.

Diferente seria, entretanto, se a comparação se desse entre textos de mesmo gênero, como por exemplo, uma conferência (representando a linguagem oral) e um artigo acadêmico, ou uma conversa informal e um bilhete familiar. Certamente, provar-se-ia a semelhança entre as duas linguagens.

Como se pode notar pelas colocações na fundamentação teórica deste trabalho, as linguagens oral e escrita não ocupam as

extremidades de uma linha reta; não são dicotômicas. Logo, devem ser analisadas como duas práticas discursivas cujas diferenças e semelhanças se dão ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades se situam, de um lado o grau máximo de informalidade e, de outro, o grau máximo de formalismo (MARCUSHI, 1995). Daí, a necessidade de que a pesquisa utilizasse os mesmos sujeitos em tempos diversificados, mas fazendo parte do mesmo espaço.

Com Marcuschi, surge na literatura lingüística em português, pela primeira vez o termo “continuum” tipológico que foi sugerido por Biber (1988), para quem, na comparação entre a fala e a escrita, devem-se considerar seis dimensões significativas de variação lingüística e a relação entre os gêneros respectivos a cada um deles e o contínuo tipológico nos usos lingüísticos, evitando comparações dicotômicas, baseadas apenas em textos prototípicos de cada modalidade. Desta forma, não se pode conceber que qualquer caracterização lingüística ou situacional da fala ou da escrita se efetive em todos os gêneros orais ou escritos. No contínuo tipológico, há gêneros orais e escritos muito semelhantes (conferência-artigo acadêmico, conversa entre amigos-carta familiar, entre outros) e outros muito distintos (bate-papo-artigo acadêmico ou um seminário-bilhete). Isto ocorre porque não há homogeneidade na relação oralidade/escrita. Dessa forma, quando os alunos apresentam um crescimento quando os seus textos não apresentam uma presença das marcas de oralidade, estão, de certa forma, deslizando no contínuo tipológico das marcas da oralidade em direção à escrita.

Os temas, conforme se pode observar adiante (p.68), foram sugeridos pelo professor aos alunos do 1º período de Letras e, por se tratar da mesma turma no 8º período, foram mantidos, haja vista a discussão na mídia sobre os mesmos. É possível observar que não existe um monitoramento, ano após ano, mas não se negam os avanços na diminuição das marcas da oralidade pelo salto que é dado entre o ano inicial do curso e o final. Por outro lado, o trabalho procura analisar as produções textuais dos mesmos alunos no 1º e no 8º

período do curso de Letras, não sendo objeto de estudo as produções textuais do 2º ao 7º período. De certa forma, como os alunos vivem um processo histórico de produção de conhecimento, as análises não retiram o mérito de que houve um desenvolvimento significativo nas produções textuais com ausência de marcas de oralidade.

Os estudantes ao desenvolverem a redação numa perspectiva mais científica, não deixaram de considerar que a linguagem escrita não pode ser considerada como um mero aglomerado de propriedades formais, imune a influências da linguagem oral, de cujas propriedades se distingue completamente. A presença de marcas de oralidade, embora em pequena quantidade nos textos dos alunos do oitavo período, o comprovam. Observe-se que essas marcas não são estanques, nem na fala nem na escrita na realidade, ambas selecionam seus itens de um mesmo sistema de possibilidades lingüísticas – a língua, que lhes serve como fonte de alimentação das produções dos seus falantes e dos seus escritores.

Castilho (1998) informa que o homem veicula informações que provém de suas experiências cotidianas, carregadas de signos ideológicos que não são apenas reflexo ou sombra da realidade, mas que se constitui como um fragmento dessa realidade, como uma encarnação material (BAKHTIN, 1999).

O texto 1-A, abaixo reflete a opinião do senso comum que o Brasil é um país rico, marcado de maneira especial pela corrupção e pela busca de poder. É possível argumentar que a questão se limita à escolha dos governantes de maneira crítica e segura, o que já demonstra uma saída do senso comum, do popular jargão de que “todos políticos são corruptos”, para a natureza do ato político consciente e claro de escolher quem esteja comprometido com as transformações da realidade. Isso significa, na concepção de Bakhtin (1999), que a consciência individual é um fato sócio-ideológico, ou seja, ela se

explica nas relações cotidianas de oralidade sobre política e desejo de mudanças de paradigmas.

Neste texto, a presença de uso constante de vírgula e do uso freqüente do verbo na terceira pessoa do plural é uma das marcas de que a oralidade está presente. A primeira indica a respiração e o uso constante de adjetivos, a segunda, o posicionamento não individual, mas do cenário coletivo, da natureza simbólica dos grupos sociais que se sentem injustiçados ou temem sofrer injustiças, haja vista a situação em que se encontra a realidade, de maneira direta mostrada pelos meios de comunicação de massa

TEXTO 1 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caudaloso rio”

O Brasil é um país “rico”. País este que tem um dos maiores patrimônios naturais do mundo e uma nação que sonha e luta a favor de melhores condições de vida. Por que tanta miséria em nosso país? Como mudar esse sistema que deixa pobre um país tão rico?

Infelizmente, temos hoje um único grande problema em nosso país: A injustiça. Esta injustiça é a principal fonte de desvio de recursos, que nos toma cada vez mais pobres.

Estamos vivendo num Brasil de corrupção, de falta de respeito ao cidadão, de desonestidade e de busca desenfreada ao poder. As pessoas que estão no poder, não estão mais interessadas no bem-estar de sua população, e sim, na busca de novas formas de conseguir mais poder, não importa o que elas tenham que fazer para isso.

A desigualdade social é uma realidade que vem crescendo dia-a-dia, e o dinheiro passou a ser uma fonte de vida. Quem não tem recursos suficientes, não consegue opções de sustento para ele próprio e de sua família e a saída mais acessível é a criminalidade.

É preciso conscientizar-nos de que o nosso país ainda é uma república, e, nós temos direitos que, se exigirmos, poderão modificar

este quadro. As pessoas precisam estar cientes de que são elas mesmas que colocam, ou retiram, os representantes governamentais.

Portanto, lutemos a favor da paz e da justiça, com mais consciência na hora de elegermos os nossos representantes do poder, são eles que irão decidir o futuro rumo de nossa nação.

TEMA: Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão como um candaloso rio.

O Brasil é um país "rico". País este que tem um dos maiores patrimônios naturais do mundo e uma nação que sonha e luta a favor de melhores condições de vida. Por que tanta miséria em nosso país? Como mudar esse sistema que deriva sobre um país tão rico?

Infelizmente, temos hoje um único grande problema em nosso país: A Injustiça. Esta injustiça é a principal fonte de drenagem de recursos, que nos torna cada vez mais pobres.

Estamos vivendo num Brasil de corrupção, de falta de respeito às instituições, de desonestidade e de burocracia desempregada ao poder. As pessoas que estão no poder, não estão mais interessadas no bem-estar de sua população, e sim, na busca de novas formas de conseguir mais poder, não importa o que elas tenham que fazer para isso.

A desigualdade social é uma realidade que vem crescendo dia-a-dia, e o dinheiro passou a ser uma fonte de vida. Quem não tem recursos suficientes, não consegue opor resistência para ele próprio e de sua família e a saída mais acessível é a criminalidade.

É preciso conscientizar-nos de que o nosso país ainda é uma república, e, nós temos direito que, se exigirmos, poderemos modificar este quadro. As pessoas precisam estar cientes de que são elas mesmas que colocam, ou retiram, os representantes governamentais.

Portanto, lutemos a favor da paz e da justiça, com mais consciência na hora de elegermos os nossos representantes do poder, são eles quem irão decidir o futuro rumo de nossa nação.

O segundo texto em que o autor escolhe o mesmo fragmento que o primeiro demonstra um avanço significativo em relação à questão da oralidade, enquanto é capaz de sair do senso comum para uma reflexão mais científica, estipulando um tempo e um tema da atualidade que é fonte de debates acadêmicos, especialmente no âmbito do direito e da constitucionalidade.

TEXTO 1-B

Sonho com um dia que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio.

É difícil aceitar que o Brasil siga um regime penal que não pune seriamente infratores menores de 18 anos.

Em um país onde um cidadão de 16 anos um governante que passará 4 anos no poder, esse mesmo cidadão não pode ser punido seriamente por um delito que venha a cometer.

Por razões óbvias, muitos marginais aproveitam essa situação para cometer crimes absurdos usando esses menores, e os próprios menores (alguns deles) abusam desse direito por saber que não serão punidos. Com isso, a violência aumenta a cada dia e cada vez mais com esse tipo de infratores.

Sendo assim, fica difícil sonhar que um dia a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio, pois os governantes não estão preocupados em mudar esse quadro.

Letras 2008.1

Fragmento 3

Sonho com um dia que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio.

É difícil aceitar que o Brasil siga um regime penal que não pune seriamente infratores menores de 18 anos.

Em um país onde um cidadão de 16 anos tem o direito de escolher um governante que passará 4 anos no poder, esse mesmo cidadão não pode ser punido seriamente por um delito que venha a cometer.

Por razões óbvias, muitos marginais aproveitam essa situação para cometer crimes absurdos usando esses menores, e os próprios menores (alguns deles) abusam desse direito por saber que não serão punidos. Com isso, a violência aumenta a cada dia e cada vez mais com esse tipo de infratores.

Sendo assim, fica difícil sonhar que um dia a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio, pois os governantes não estão preocupados em mudar esse quadro.

Observa-se que o que o determina as diferenças de modalidades oral e escrita são as diferentes condições de produção, que refletem uma maior ou menor dependência do contexto, um maior ou menor grau de planejamento e uma maior ou menor submissão às regras gramaticais.

A dependência contextual determina o grau de explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade, que pode ir do menos tenso (casual ou informal) até o mais tenso (formal, gramaticalizado). (KATO, 1987, p. 39), primeiro caso no texto anterior e no segundo uma maior preocupação do autor com a gramaticalização e a formalidade da língua.

Na verdade, seguindo o pensamento de Marcushi (2001), se observa que a impressão que se tem da escrita é a de um fenômeno, se não homogêneo, pelo menos bastante estável e com o mínimo de variação. A que se tem da fala, ao contrário, é a de um fenômeno conturbado; ela se apresenta como variada, multifacetada, já que não nos vem à lembrança de imediato a fala padrão. Daí, levantar a hipótese de que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos” (MARCUSCHI, 2001, p. 37).

O texto de número 2 A, datado do ano de 2005, apresenta uma descontinua sobreposição de idéias, começando com o mundo em que vivemos e introduzindo-nos no mesmo de maneira rápida e necessária, frente aos desafios apresentados pela sociedade como uma instituição organizada. Acresce-se que as falhas de pontuação e de flexão verbal e de concordância são típicos modais da língua falada, especialmente a de improviso sobre determinado assunto que se tem conhecimento, mas não se tem profundidade sobre o mesmo. Observe-se também, o uso do “além do mais”, “além disso”, modos da oralidade.

TEXTO 2 – A

A beleza exterior contribui com os valores morais de certa forma, pois, no mundo que vivemos aprendemos valorizar o próximo, dá um grande desenvolvimento a sociedade, e além do mais, criar capacidade de autovalorização tanto externa quanto interna.

O mundo em que vivemos temos que lhe dá com o próximo respeitando, cultivando que o mais importante hoje é ter um lugar na sociedade, ter autovalorização em si mesmo, uma grande espiritualidade, além disso, a beleza com que temos e os valores morais, crescemos na sociedade e o resultado será sempre a importância com o grande valor moral.

Pelos argumentos mencionados, a grande valorização da beleza externa, as pessoas têm que vê o mundo com outros olhos e não criticar, que assim ajudará muito com o próprio valor moral, de si mesmo, da vida e do mundo, que todos seremos vitoriosos.

TEMA: A supervalorização da beleza exterior e valores morais. Qual o vitorioso?

A beleza exterior contribui com os valores morais de certa forma, pois, no mundo que vivemos aprendemos valorizar o próximo, dá um grande desenvolvimento a sociedade, e além do mais, cria capacidade de autovalorização tanto externa quanto interna.

O mundo em que vivemos temos que lhe dê com o próximo, respeitando, cultivando que o mais importante hoje é ter um lugar na sociedade, ter autovalorização em si mesmo, uma grande espiritualidade, além disso, a beleza com que temos e os valores morais, crescemos na sociedade e o resultado será sempre a importância com o grande valor moral.

Pelos argumentos mencionados, a grande valorização da beleza externa as pessoas têm que vê o mundo com outros olhos e não criticar, que assim ajudará muito com o próprio valor moral de si mesmo, da vida e do mundo, que todos somos vitoriosos.

Conforme Marcusche (2000), a forma como evolui o pensamento dissertativo/argumentativo nos textos de um período para outro, demonstra que a dissertação, além de ser um gênero com os quais os alunos entram em contato (debate televisivo, por exemplo), é também um gênero adequado aos nossos propósitos por propiciar interação que inclui um conjunto de capacidades privilegiadas: “gestão da palavra entre os participantes, escuta do outro, retomadas de seus discursos em suas próprias intervenções etc.” (SCHNEWLY et al, 2004, p. 248). Com essa característica altamente interativa e, ao mesmo tempo, organizada, o debate regrado mostrou-se o gênero oral adequado aos nossos propósitos. Por ser um tema polêmico, o debate não objetivou consenso, não se constituindo um debate deliberativo e sim um debate de opinião.

Por outro lado, o uso da liberdade na escolha do tema, reflete que a própria liberdade lingüística neste gênero é tal que Marcuschi (In: MARCUSCHI & XAVIER, 2004) afirma que “ainda não se tem uma visão sequer aproximada do fenômeno” onde o uso de elementos semióticos em reprodução aos paralingüísticos da interação face-a-face é abundante e efetivam atividades interativas naturais. Citando Halliday, o autor afirma que é preciso ter cautela antes de se afirmar que ocorrerá uma maior neutralização das diferenças entre fala e escrita, mas poderá haver sim, uma maior interação entre ambas, do que emergirão novas formas de discurso.

TEXTO 2 –B

A Supervalorização da beleza x valores morais. Qual vitorioso?

É bem verdade que a beleza está sendo colocada em primeiro lugar em todos os aspectos. As pessoas estão sendo avaliadas e valorizadas pela cor do cabelo, da pele, dos olhos, o formato do corpo, enfim a sociedade não está valorizando o caráter dos seres humanos.

Existem pessoas super competentes, bondosas e inteligentes, mas se ele ou ela for feia já é encarada como incapaz, coitadinha.

A maioria das mulheres famosas so conseguem fama se permanecerem belas, impecáveis, porém essa perfeição um dia acaba, pois nós seres humanos somos muito falhos somos feito de pó e ao pó voltaremos. Por isso devemos fazer a nossa parte em mostrar para os nossos filhos e alunos que o mais importante em uma pessoa não é a sua beleza e sim o seu caráter, beleza não é sinônimo de solidariedade e nem de boa personalidade.

Portanto podemos afirmar que beleza não é tudo. Na verdade o tudo de uma pessoa está em sua forma de agir e viver com o mundo em sua volta.

O texto acima, embora não reflita os paradigmas da língua oral, em termos de variações lingüísticas próprias da língua falada, observa-se que ocorre uma tipologia textual com a quebra do continuum do pensamento, quando o autor começa o texto com impessoalidade e transpassa de forma rápida e automática para a terceira pessoa do plural, colocando-se como interlocutor nos fatos elencados.

Não é sem motivo que se pode afirmar que considerando que através de gêneros se materializam as práticas de linguagem e que estas ocorrem em cada esfera da atividade humana, os gêneros são adequados às suas especificidades e seus enunciados refletem a finalidade a que se destinam através de sua construção composicional. Para Bakhtin (199, p.: 285) os enunciados e o tipo a que pertencem são

“as correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua”, entendida aqui como heterogênea e dinâmica.

É o que se expressa como individualidade criadora, na concepção de Bakhtin:

Constitui a expressão do núcleo central sólido e durável da orientação social do indivíduo. Aí situaremos principalmente os estratos superiores, mais bem formados, do discurso interior (ideologia do cotidiano), onde cada representação e inflexão passou pelo estágio da expressão, de alguma forma sofreu a prova da expressão externa. Aí situaremos igualmente as palavras, as entoações e os movimentos interiores que passaram com sucesso pela prova da expressão externa numa escala social mais ou menos ampla e adquiriram, por assim dizer, um grande polimento e lustro social, pelo efeito das reações e réplicas, pela rejeição ou apoio do auditório social (BAKHTIN, 1999, p. 121).

A supervalorização da beleza x valores morais. Qual vitorioso?

É bem verdade que a beleza está sendo colocada em primeiro lugar em todos os aspectos. As pessoas estão sendo avaliadas e valorizadas pela cor do cabelo, da pele, dos olhos, o formato do corpo, enfim a sociedade não está valorizando o caráter dos seres humanos.

Existem pessoas super competentes, bonitas e inteligentes, ^{explicação} mas se ele ou ela for feia já é encarada como incapaz, coitadinha.

A maioria das mulheres famosas não conseguem fama se permanecerem belas, impecáveis, porém essa perfeição um dia acaba, pois ^{inclusão} ^{o aluno se inclui.} nós seres humanos somos muito falhos ^{somos} feito de pó e ao pó voltaremos. Por isso devemos fazer a nossa parte em mostrar para os nossos filhos e alunos que o mais importante em uma pessoa não é a sua beleza e sim o seu caráter, beleza não é sinônimo de solidariedade e nem de boa personalidade.

Portanto podemos afirmar que beleza não é tudo. Na verdade o tudo de uma pessoa está em sua forma de agir e viver com o mundo em sua volta.

Se pode observar na linha 15 do texto 3-A o uso de “pôr”, no sentido de colocar, na linha 18, “suas liberdades”, quando o sentido seria sua liberdade, na linha 25 “muito mais valores sociais”, ao invés de maior valor social. No contexto geral, a escrita reflete a ordenação (ou desordenação) das ideias que aparecem refletidas nos meios de comunicação de massa e que, segundo Bakhtin (1999) passa a figurar na linguagem oral e se expressa na escrita com uma variada tonalidade ideológica, que faz com que o indivíduo não consiga pensar o que está por trás das palavras ou as conseqüências sociais e ideológicas que advém de quem detém o poder da linguagem da comunicação a serviço do poder dominante.

TEXTO 3 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio”

A cada dia, no rádio, na televisão ou até mesmo na sociedade em que vivemos, vemos que a violência está crescendo mais e mais, e a justiça de nosso país não tem feito muito para melhorar essa situação, pelo contrário está trazendo para muitos a desesperança de ter uma vida melhor.

Roubos, extorções, homicídios, tráficos de drogas entre policiais e bandidos é o que mais acontece em nosso meio. Afinal, em quem confiar? No ladrão ou na polícia?. Essas são as perguntas que a sociedade faz quando estão de frente a estes e a outros crimes que não são resolvidos. O que a justiça tem feito é aceitar o dinheiro corrupto, e pôr mais um criminoso nas ruas, também, abrir as portas de um presídio, para que o criminoso em vez de ser limitado de suas liberdades, viver livremente, comercializando drogas, encomendado

mortes através de celulares, ter sempre comida e dinheiro, por muitos anos, sem trabalhar, enquanto muitos aqui fora, não tem o que comer. Tudo isso, com os nossos impostos que deveriam ser investidos em programas de muito mais valor social para uma vida melhor. E a justiça, fazer com que a lei seja cumprida.

TEMA:

3. "Donho com um dia em que a justiça
correrá como a água e a retidão
como um caudaloso rio."

A cada dia, no rádio, na televisão ou até mesmo na sociedade em que vivemos, vemos que a violência está crescendo mais e mais, e a justiça de nesse país não tem feito muito para melhorar essa situação, pelo contrário está trazendo para muitos a desesperança de ter uma vida melhor.

Roubos, extorções, homicídios, tráfico de drogas entre policiais e bandidos é o que mais acontece em nesse meio. Afinal, em quem confiar? no ladrão ou na polícia? Essas são as perguntas que a sociedade faz quando está de frente a estes e a outros crimes que não são resolvidos. O que a justiça tem feito é aceitar o dinheiro corrupto, e pôr mais um criminoso nas ruas, também, abrir as portas de um presídio, para que o criminoso em vez de ser limitado de suas liberdades, viver livremente, comercializando drogas, encorrendo mortes através de celulares, ter sempre comida e dinheiro, por muitos anos, sem trabalhar, enquanto muitos aqui fora, não tem o que comer. Tudo isso, com os nesses impostos que deveriam ser investidos em programas de muito mais valor social para uma vida melhor. É a justiça, fazer com que a lei seja cumprida.

3. Afinal, em quem confiar? no ladrão ou na polícia?

O Texto 3-B apresenta uma configuração textual com maior índice de coesão textual, observando-se que o autor inicia e termina na impessoalidade, conseguindo concatenar as idéias com argumentação e coerência.

As modalidades da língua falada tendem a ser transformadas em uma linguagem mais próxima da gramaticalização, da escrita enquanto dissertação que exige maior nível de argumentação, considerando os que irão ter contato para leitura e interpretações posteriores.

Na verdade, como foi visto anteriormente, na concepção de Bakhtin (1992), Marcuschi (2003) e Rojo (2004), o texto está diretamente associado a um discurso e esse discurso se manifesta através do texto. Dessa forma, texto e discurso estão ligados a outros dois conceitos importantes, o da função lingüística e o da função social, no caso do texto 6 – A, o discurso social é caracterizado pela preocupação com a estruturação lingüística do texto, o que se pode perceber pela dimensão ou função cognitiva ou ideacional que aparece no texto e o componente interpessoal por tratar de uma discussão em que questões gramaticais, semânticas e o próprio foco de informação não é deixado de lado.

As formas usuais da linguagem oral estão refletidas na produção citada acima, como também o ato propriamente dito da escrita. A pessoa nesta fase de aquisição produz um texto mais coeso, sem a conotação de um roteiro, que, nas palavras de Luria et al. (1987, p.172), "comunica quem escreve, anuncia o que é que deseja transmitir e descreve os atos que cumpre durante a ação de escrever". A situação inversa ao pensamento de Luria é o que ocorre no texto acima, demonstrando a inter-relação entre as duas formas de representação da linguagem; normalmente sujeitos altamente letrados costumam usar na produção da linguagem oral termos característicos da linguagem escrita automatizada. A linguagem que surge é uma transferência da escrita, com suas regras gramaticais, alterando a entonação e a gestualidade da linguagem oral.

TEXTO 3 – B

É difícil aceitar que o Brasil segue um regime penal que não pune seriamente infratores menores de 18 anos.

Em um país onde um cidadão de 16 anos tem o direito de escolher um governante, que passará 4 anos no poder, esse mesmo cidadão não pode ser punido seriamente por um delito que venha cometer.

Por razões óbvias, muitos marginais aproveitam essa situação para cometer crimes absurdos, usando esses menores e os próprios menores (alguns deles) abusam desse direito por saber que não serão punidos. Por isso, a violência aumenta a cada dia e cada vez mais com esse tipo de infratores.

Sendo assim, fica difícil sonhar que a justiça correrá como a água, e a retidão como um caudaloso rio, pois os governantes não estão preocupados em mudar esse quadro.

Letras 2008.1

Fragmento 3

Sonho com um dia que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio.

É difícil aceitar que o Brasil siga um regime penal que não pune seriamente infratores menores de 18 anos.

Em um país onde um cidadão de 16 anos tem o direito de escolher um governante que passará 4 anos no poder, esse mesmo cidadão não pode ser punido seriamente por um delito que venha a cometer.

Por razões óbvias, muitos marginais aproveitam essa situação para cometer crimes absurdos usando esses menores, e os próprios menores (alguns deles) abusam desse direito por saber que não serão punidos. Com isso, a violência aumenta a cada dia e cada vez mais com esse tipo de infratores.

Sendo assim, fica difícil sonhar que um dia a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio, pois os governantes não estão preocupados em mudar esse quadro.

Elementos de variação lingüística no texto 4-A se faz presente com “anciedade”, “pais” no lugar de país. O que chama a tenção na produção do texto e a presença de marcas de oralidade é o fato do mesmo se apresentar como uma forma de diálogo interposto, onde o autor expressa o que sente sem uma preocupação com as normas gramaticais, a coerência e a coesão do texto, o que significa que a utilização da língua realiza-se sob a forma de enunciado, sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos. Contudo, Bakhtin (1995), chama a atenção para o fato de que existem gêneros primários que estão associados às relações comunicativas cotidianas e que são muito comuns no dia-a-dia das pessoas e os secundários, relacionados ao discurso científico, ou seja, a outras esferas de interação social mais desenvolvida. O que se percebe no Texto 7 – A é que o autor ainda se encontra no gênero primário, e, embora o texto seja de natureza universitária, encontra-se no limiar da construção do texto com variações lingüísticas.

Por outro lado, não se pode esquecer que existem muitas semelhanças entre a língua oral e língua escrita, mais que diferenças, o que implica que o estudante de graduação conhece as distinções e pode estar apto a utilizar uma modalidade e outra, da mesma forma que pode adequá-las ao contexto, haja vista que elas revelam aspectos específicos de textos quando comparados entre si (FÁVERO, 1999).

É importante recordar que a distância entre o emissor e o receptor que caracteriza a situação de comunicação escrita exige um código diferente daquele utilizado na comunicação oral direta, embora esse código se repita freqüentemente na escrita, especialmente em produções universitárias, como é o nosso caso, no início de um curso, no qual o avanço da sistematização do conhecimento ainda passa por uma fase de modificações significativas.. Esta situa as informações de acordo com a relação “eu, aqui, agora”, ao passo que na comunicação escrita essas relações são substituídas por advérbios de tempo, de lugar, pelos pronomes e pelas transformações que afetam as formas verbais. A compreensão de um texto escrito requer o domínio dessas

transformações. Dessa forma, pode-se afirmar que, ao contrário do que se pensava, todas essas razões, além de outras, não permitem reencontrar a língua falada, na oralização do texto escrito, mas permitem encontrar marcas de oralidade.

TEXTO 4 – A

Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio.

Nos dias em que vivemos é alarmante e revoltante o alto índice de violência que presenciamos a cada momento.

As autoridades precisam com urgência mudar o regimento que traje impera nesse país e no mundo. As pessoas não podem continuar sem acreditar na justiça e na educação que é a base de tudo, os valores morais e o amor de Deus e ao próximo precisam ser resgatados, para que as pessoas que traje sofrem com indignação, não continuem com essa sensação de impotência.

Precisamos de mudanças radicais e severas para inibir os criminosos que si beneficiam com a impunidade.

A sociedade que trabalha e que pratica o bem social, aguarda com ansiedade que este quadro mude e que um dia tenhamos uma justiça que corra livre como uma fonte inesgotável.

TEMA:

Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a verdade como um caudaloso rio.

Nos dias em que vivemos, é alarmante e revoltante o alto índice de violência que presenciamos a cada momento.

As autoridades precisam com urgência mudar o regime que hoje impera neste país e no mundo. As pessoas não podem continuar sendo deserdadas na justiça e na educação que é a base de tudo. Os valores morais e o amor de Deus e ao próximo precisam ser resgatados, para que as pessoas que hoje sofrem com indignação não continuem com essa sensação de impotência.

Precisamos de mudanças radicais e severas para impedir os crimes que se beneficiam com a impunidade.

A sociedade que trabalha e que pratica o bem social aguarda com ansiedade que este quadro mude e que um dia tenhamos uma justiça que corra livre como uma fonte inesgotável.

No texto (4-B), do 8º período do curso de Letras, encontramos ainda marcas da oralidade, com a presença da palavra "infelizmente", grafada com "s" e a frase "vamos então dar o primeiro passo", típico convite utilizado pelo cotidiano da oralidade. Por outro lado, o autor do texto, começa na impessoalidade a construção do seu texto e termina na primeira pessoa do plural.

O que se observa é que o discurso que se apresenta no texto analisado e que aparece também nos demais, tem efeitos constitutivos porque os indivíduos ao analisarem a realidade criam também uma realidade social, enfatizando a "relação dialética entre linguagem e sociedade"(MEURER, 2007, p. 89).

Como já foi discutido no início da presente pesquisa, tudo o que fora visto como erro serve para identificar o nível de maturação das estruturas mentais do aluno, sua evolução no decorrer do processo de aprendizagem. Isso reafirma o que situamos anteriormente, que o erro é fonte de investigação, pois o aluno, na verdade, desenvolveu um raciocínio lógico que levou àquele resultado e é, a partir da visão do erro, como forma de pesquisa, que o conhecimento vai sendo reelaborado.

O estudo da linguagem oral constitui uma preocupação que se tornou mais relevante no meio lingüístico, desde que os lingüistas recuperam a fala como objeto de análise, ampliando, assim, a visão dos estruturalistas para quem a língua era um sistema, buscando o que nela era homogêneo.

Foi visto, que teoricamente, a leitura e a escrita são consideradas de modos diversos, ou seja, as teorias variam segundo o enfoque dado às relações entre a língua oral e a escrita. Em alguns modelos, a escrita é entendida como transcrição gráfica da língua oral, em outros, como código independente com características próprias e específicas. Há, ainda, modelos em que as línguas oral e escrita são consideradas como realizações distintas de um mesmo sistema lingüístico.

TEXTO 4 – B

“ Sonho com o dia em que a justiça correrá como água e a retidão como um caloroso rio”

O Brasil é um dos países em que a justiça infelizmente ainda é o maior problema, devido a diferença entre as classes sociais.

A justiça no país deixa muito a desejar, comecanço pelos nossos governantes, talvez os maiores responsáveis. É cada vez mais comum as manchetes nos jornais sobre corrupção, estorção, tráfico de drogas, homicídios entre vários outros.

No Brasil o que se deve fazer, é rever o código penal e fazer valer direitos iguais. O primeiro passo é acabar de vez com a corrupção, assim vamos conseguir ver na cadeia também o rico, pois, em nosso país so o pobre paga pos seus crimes.

Daremos o primeiro passo aprendendo a escolher melhor nossos governantes para que possamos ter um país mais justo tanto para o rico quanto para o pobre.

Queremos viver sem medo vamos então dar o primeiro passo cabe a nós.

TEMA:

"Sendo um dia em que a justiça brasileira como a justiça da maioria
seja um laborioso no."

O Brasil é um dos países em que a justiça injustamente ainda é o maior problema, devido a diferença entre as classes sociais.

A justiça no país deixa muito a desejar, começando pelos nossos governantes, talvez os maiores responsáveis. É cada vez mais comum as manchetes nos jornais sobre corrupção, estorção, tráfico de drogas, homicídios entre vários outros.

No Brasil o que precisa fazer, é revisar o Código Penal e fazer valer direitos iguais. O primeiro passo é acabar de vez com a corrupção, assim vamos conseguir ver na prática também o rico, pois, em nosso país só o pobre paga por seus crimes.

Damos o primeiro passo aprendendo a escolher melhor nossos governantes para que possamos ter um país mais justo tanto para o rico quanto para o pobre.

Queremos viver sem medo vamos então dar o primeiro passo sobre a nós.

O texto 5–A abaixo inicia com a conjugação no infinitivo “estar”, quando seria a conjugação está, acrescido de “discaso”, “relapsos” e “cidadões”. No último parágrafo, o autor faz um apelo, um convite, próprio da linguagem oral, realçando o que escrevera anteriormente como justificativa, embora não sirva de argumentos convincentes

TEXTO 5 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caloroso rio”

Atualmente no mundo estar aumentando cada vez mais a violência, o discaso e a corrupção.

Na verdade existem pessoas que só vivem para praticar o mal, uma vez que isto acontece, seria viável que todas elas fossem pulnidas, independete de qualquer que fosse a idade.

Existem jovens, pais e mães de famílias que sonham com um futuro melhor para os seus filhos, e na maioria das vezes não conseguem alcançar este sonho, todas as vezes que saem de casa não sabem que dia e hora irão chegar, e se vai ser vivo ou morto, por causa da violência do mundo.

Na realidade os maiores culpados de tudo isto são os governantes e as autoridades que na maioria das vezes são relapsos e se fazem de cegos diante de tantos acontecimentos.

De acordo com o que foi exposto é preciso que todos se deem as mãos para que a paz possa reinar nos lares de todos os cidadãos e no mundo. Doravante é bom salientar que é preciso educar as crianças de hoje para não ter que punir os homens do amanhã.

05
TEMA: Sonho com um dia em que a justiça
 cobrirá como a água e a retidão com um espaldão.

Atualmente no mundo estão aumentando!
 Cada vez mais a violência, o crime e a
 corrupção.

Na verdade existem pessoas que só re-
 zem para praticar o mal, uma vez que
 isto acontece, seria natural que todas elas
 fossem punidas, independente de qualquer
 que fosse a idade.

Existem jovens, pais e mães de famílias
 que sonham com um futuro melhor para
 os seus filhos, e na maioria das vezes
 não conseguem alcançar este sonho, todas
 as vezes que saem de casa não sabem
 que dia e hora irão chegar, e se vai ser
 vivo ou morto, por causa da violência do
 mundo.

Na realidade os maiores culpados de tudo
 isto são os governantes e as autoridades que
 na maioria das vezes são relapsos e se
 fazem de legos diante de tantos acontecimentos.

De acordo com o que foi exposto é
 preciso que todos se deem as mãos para
 que a paz possa reinar nos lares de todos
 os cidadãos do mundo, por isso é
 bom salientar que (é preciso educar as
 crianças de hoje para não ter que
 punir os homens do amanhã.)

No texto 5-B, a procura pela adequação dos verbos levou o nosso autor a cometer um erro de concordância, porém, dentro dos padrões normais de originalidade acadêmica, sempre procurando ou deixando permitir uma linguagem mais adequada ao conhecimento científico.

TEXTO 5- B

Beleza exterior é tudo

No mundo em que vivemos infelizmente, beleza exterior é muito mais importante do que os valores morais, e essa importância é notável.

As pessoas estão cada vez mais buscando melhorar a aparência, estão sempre a procurando ficar mais bonita porque sabem que isso conta muito na vida pessoal e profissional, pois sabem que para muitas pessoas a beleza exterior facilita na hora de arrumar um emprego, um namorado dentre outros.

Infelizmente para algumas pessoas a aparência é tudo, é duro mais é a pura realidade.

Letras B^o Período 2000.1

Beleza exterior é tudo

No mundo em que vivemos infelizmente, beleza exterior é muito mais importante do que os valores morais, e essa importância é notável.

As pessoas estão cada vez mais buscando melhorar a aparência, estão sempre a procurando ficar mais bonita porque sabem que isso conta muito na vida pessoal e profissional, pois sabem que para muitas pessoas a beleza exterior facilita na hora de arrumar um emprego, um namorado dentre outros. Infelizmente para algumas pessoas a aparência é tudo, é tudo mais é a pura realidade.

O aluno conclui com um desabafo.

O texto 6-A é riquíssimo em variações lingüísticas, o que mostra a presença das modalidades da fala, de maneira expressiva: “veve”, “esplodido”, “corrupção”, “bousos”, “insentivos”. Diferente do texto abaixo, que insere apenas uma palavra do jargão comum, “marmanjos”

TEXTO 6 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caudaloso rio”

Todos os dias surgem novas notícias de ataques, rebeliões, assassinatos em todo país, como se essa fosse uma terra sem lei (como nos antigos filmes de faroeste), devido a falta de segurança. Olhos mais atentos e mãos mais severas.

A população brasileira veve numa eterna expectativa de onde acontecerá o próximo atentado à ordem pública, que posto pulicial será esplodido num medo constante. Com mais e mais policiais morrendo todos os dias, a defesa fica extremamente comprometida, pois sem equipamento mão tem contingente e sem isso não há segurança, a corrupção também implica e passa despercebida diante os olhos governamentais que estão preocupados em encher os seus próprios bousos que esquecem de cois mais urgentes como essa, precisa-se de pessoas mais rígidas que cumpram as leis comos elas verdadeiramente devem ser cumpridas, coisa que não acontece atualmente no país.

Contudo o Brasil precisa de insentivos, força para crescer em segurança, merece pessoas que cumpram suas palavras ou onde tudo isso vai pará?

06
TEMA: Senho com o dia em que a justiça correrá como água e a retidão como um caudaloso rio.

Todos os dias surgem novas notícias de ataques, rebeliões, assassinatos em todo país, como se essa fosse uma terra sem lei (como nos antigos filmes de faroeste), devido a falta de segurança, olhos mais atentos e mãos mais severas.

A população brasileira (seu) numa eterna expectativa de onde acontecerá o próximo atentado à ordem pública, que posto policial será esplodido, num medo constante. Com mais e mais políticos morrendo todos os dias, a defesa fica extremamente comprometida, pois sem equipamento não tem contingente e sem isso não há segurança, a corrupção também implica e passa despercebida diante os olhos governamentais que estão preocupados em encher os seus próprios bolsos que esquecem de coisas mais urgentes como essa, precisa-se de pessoas mais rígidas que cumpram as leis como elas verdadeiramente devem ser cumpridas, coisa que não acontece atualmente no país.

Contudo o Brasil precisa de insentivas, força para crescer em segurança, merece pessoas que cumpram suas palavras ou onde tudo isso vai para? ?

TEXTO – 6 B

A supervalorização da beleza exterior x valores morais

Nos últimos anos os meios de comunicação têm abordado de forma intensa, a questão da estética, que em outros tempos era exclusivo das mulheres hoje porém, essa temática é algo do meio feminino, bem como dos marmanjos que a exemplos das mulheres, cada vez mais procuram o que se pode chamar de “perfeição corporal” a ponto de algumas exagerarem é tornarem-se vítimas dos exageros como a anorexia. Mas até que ponto isto é importante?

A beleza exterior, embora hoje cobiçada pelos homens, sempre foi algo que esteve intrinsecamente ligado á mulher, porém em momento algum entrou em conflito com os valores morais, pois ambos se completam. As pessoas podem e devem ter a beleza exterior sem contudo abrir mão dos valores morais, pois se aquele atrai a atenção e aproxime as pessoas, ester, consolidam as relações sociais, podendo, ambos, conviverem em plena harmonia.

O texto 7-A, embora não apresente muitas variações lingüísticas (distribuição), remete às marcas da oralidade, na mistura de tempos verbais, na forma como apresenta, sem muita convicção (essas coisas acontecem) o assunto a ser trabalhado. Observa-se que não existe uma preocupação com a formatação gramatical e a concordância.

TEXTO 7 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caudaloso rio”

Há muitos anos nosso país e alguns outros sofrem grandes problemas como má distribuição de renda, falta de justiça e até mesmo a falta de justiça e até mesmo a falta de alimentação.

Essas coisas acontecem por acaso ou são frutos dos próprios homens entra governantes e saem, surgem promessas e nada é resolvido, cada vez fica mais crítica, afinal a culpa e do governo? Ou de outros que trabalham poucos, dos responsáveis que oferecem mínima chance de trabalho, cabe a cada um fazer a sua parte, para que a justiça permaneça e que possamos acreditar, para essas pessoas sejam punidos em tudo o que fizeres, não importa a idade que tenha, fez pagou.

Em síntese façamos a nossa parte que nos pertence, o restante apostaremos na sorte, em fim deixarmos de confiar neles em quem acreditar. Que nossas autoridades não fechem os olhos, pois acreditamos.

07
TEMA: "Sonho com um dia em que a justiça corra como a água e a retidão como um caudaloso rio."

Há muitos anos o nosso país e alguns outros sofrem grandes problemas como má distribuição de renda, falta de justiça e até mesmo a falta de alimentação.

Essas coisas acontecem por acaso ou são frutos dos próprios momentos? Entre governantes e povo, surgem promessas e nada é resolvido. Cada vez fica mais crítica, afinal a culpa é do governo ou de nós que trabalhamos? Parece que os responsáveis que oferecem mínimo chance de trabalho, cabe a cada um fazer a sua parte, para que a justiça permaneça e que promessas creditadas para essas pessoas sejam punidas em tudo o que fizerem, não importa a idade que tenha, fez ou pagar.

Em síntese fazamos a nossa parte que nos pertence, o restante apostaremos na sorte, em fim deixamos de confiar n'elas em quem creditam que nossas autoridades não fechem os olhos, pois acreditamos.

No texto abaixo, pode-se identificar ainda a presença das marcas de oralidade, quando passa do primeiro parágrafo, de uma posição impessoal para a inserção do nós, contudo, de maneira muito rápida, como um ponto de intersecção da introdução do primeiro parágrafo para o terceiro quando descreve a questão dos valores morais.

TEXTO 7 – B

A beleza é um fator determinante

As novas tendências estéticas tem se inovado sem parar, onde cada vez mais, as pessoas se programam para se apresentar cada vez melhor perante seu público, porém, deve-se lembrar de que a beleza é um fator que se completa com os valores morais.

Vivemos um momento da história, onde a maior parte das pessoas dão toda importância apenas a beleza externa, isso é resultado de uma sociedade despreparada culturalmente. Há situações determinadas apenas pela vaidade já outras, a beleza é apresentada como meio de se fazer propaganda.

Os valores morais, algo essencial em um cidadão, está perdendo espaço para a beleza, isso fica clara em ocasiões, onde cidadãos despertam uma vaga de emprego por meio de selecionamento individuais, onde há contato direto com a pessoa, antes de se determinar o resultado, em situações como essas quem vence sempre é o mais belo.

Sendo assim, entende-se que tanto a beleza como os valores morais apresentam suas vantagens e desvantagens.

8ª Período, 2008.1: Letras

A BELEZA É UM FATOR DETERMINANTE

As novas tendências estéticas tem se inovado sem parar, onde cada vez mais, as pessoas se programam para se apresentar cada vez melhor perante sua Púlbica, porém, deve-se lembrar de que a beleza é um fator que se completa com os Valores morais.

Vivemos um momento da história, onde a maior parte das pessoas dão toda importância apenas a beleza externa, isso é resultado de uma sociedade desregulada culturalmente. Há situações determinadas apenas pela vaidade há outras, a beleza é apresentada como meio de se fazer Propaganda.

Os Valores morais, algo essencial ~~em~~ em um cidadão, está perdendo espaço para a beleza, isso fica clara em o casis, onde ~~os~~ cidadãos disputam uma vaga de emprego por meio de selecionamento individuais, onde há contato direto com a pessoa, antes de se determinar o resultado, em situações como essa, quem vence sempre é o mais belo.

Sendo assim, entende-se que tanto a beleza como os Valores morais apresentam suas vantagens e desvantagens.

No texto (8-A), é observa-se a presença dos modos de oralidade: “venha”, “discutir”, “despecebidos”, “fiqui”, acrescido da primeira pessoa do plural nos primeiros parágrafos, passando para a posição do “eu”, como uma necessidade de se colocar como interlocutor no diálogo sob a forma de emissor da mensagem. Sem coerência e coesão, demonstra a realidade em que se situa o produtor do texto e, nesse sentido, o fato de se ignorar o conhecimento empírico do aluno e o aspecto sociocultural significa produzir conhecimento e promover uma educação alienada da realidade, além de demonstrar o desconhecimento da sistemática das relações entre fala e escrita como duas modalidades do uso da língua que retratam a sua própria essência cultural. Em síntese, cada indivíduo se revela nos atos de fala e escrita e não se deve esquecer que a palavra escrita ou falada transforma e redimensiona a ação humana.

A ênfase, as rupturas, a fluência, a entonação e o ritmo também aparecem de modo peculiar nos textos. À medida que a escrita passa pelo discurso interior revela também o discurso social internalizado, tais como suas normas e suas formas.

Se a escrita aparece inicialmente marcada pelo discurso interior, gradualmente, com a apreensão dessas normas e formas, deverá transformar-se: da escrita truncada, aglutinada ou ilegível, passará ao caráter legível e de fruição em um jogo de formulações possíveis, adquirindo, então, uma nova característica.

TEXTO 8 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caudaloso rio”

São sonhos que esperamos que venha acontecer, pois a justiça deverá ser um grande trunfo para tantas injustiças que acontecem em nosso meio e não chegamos a ver tantas impunidades.

Pois as vezes ponhamos nossa fé que seriamente essas questões chegaria a uma revolução.

E a justiça chegasse aos injustiçados com êxito para os tantos descasos é assim teríamos solução.

Deveríamos discutir mais com as autoridades para que elas não deixem que passem despecebidas aos problemas da sociedade menos favorecidas e que gritam por justiça e percebam o seu grito.

Espero porem que a justiça corra mais depressa a quem tanto precisa e que não fique retida. E que temos certeza que vamos ter resolução mais rápida das injustiças que acontecem e leva o tanto sofrimento e impunidades.

ST
TEMA: "sonho com um dia em que a justiça corra como a água e a retidão como um caudaloso rio"

São sonhos que esperamos que venha acontecer pois a justiça deveria ser um grande triunfo para tantas injustiças que acontecem em nosso meio e não chegamos a ver tantas impunidades.

Pois as vezes pensamos nossa fé que seriamente essas questões chegaria a uma resolução. É a justiça chegasse aos injustiçados com êxito para os tantos descabidos e assim teríamos resolução.

Queríamos dizer mais com as autoridades para que elas não deixem que passem despercebidas aos problemas da sociedade menos favorecidas e que gritam por justiça e perdem o seu grito.

Espero porém que a justiça corra mais depressa a quem tanto precisa e que não fique retida. É que temos certeza que vamos ter resolução mais rápida das injustiças que acontecem e leva a tanto sofrimento e impunidades.

No Primeiro Parágrafo acontece o diálogo de autor com o leitor: São sonhos que esperamos que venha acontecer... 1º texto de início que começa a desenvolver a ideia de diálogo.

O texto seguinte (8-B). É importante salientar que, por ser uma atividade realizada pelo produtor do texto, a progressão é empregada para manter o fio discursivo. É usada freqüentemente em seqüências contínuas de enunciados e na ordenação de parágrafos, fazendo o texto avançar, sem, contudo, perder a concatenação das idéias de forma lógica.

As inserções de novas informações não causam dificuldades, apresentando, na sua maioria, a soma de idéias novas as que já vinham sendo tratadas, sem causar dificuldades de compreensão.

TEXTO 8 – B

O Brasil, com ética, moral

Analisando o tema em questão, podemos salientar, que no decorrer do tempo, as sociedades mudam e também mudam os homens e as mulheres que a compõem. A violência, a fome, a justiça tudo esta um absurdo, por isso é importante mostrar a importância dos valores morais.

Sendo assim a moral esta no comportamento de cada pessoa, e é preciso adquirir critérios, valores, para se viver melhor, e que sabe tudo começar a correr melhor.

Pois tudo que vem acontecendo no Brasil hoje, e de certa forma culpa, da falta de responsabilidade do governo, que deixa isso chegar ao extremo, corrupção, pedafilia, denúncias contra policiais, tudo isso e um absurdo.

Entretanto se investisem mais, em educação, ética e conhecimento moral, quem sabe tudo isso melhoraria, mas tenho esperança que venha acontecer, e o Brasil se torne um país mais justo e melhor para viver.

O Brasil, com ética, moral. Letras 8º período
2008. 1
F

Analisando o tema em questão, podemos salientare, que no decorrer do tempo, as sociedades mudam e também mudam os homens e as mulheres que a compõem. A violência, a fome, a justiça tudo está um absurdo, por isso é importante mostrar a importância dos valores morais.

Sendo assim a moral está no comportamento de cada pessoa, e é preciso adquirir critérios, valores, para se viver melhor, e quem sabe tudo começar a correr melhor.

Por tudo que vem acontecendo no Brasil hoje, e de certa forma culpa, da falta de responsabilidade do governo, que deixa isso chegar ao extremo, corrupção, pedofilia, denúncias contra policiais, tudo isso é um absurdo.

Contudo se investirem mais, em educação, ética e conhecimento moral, quem sabe tudo isso melhoraria, mas tenho esperança que venha acontecer, e o Brasil se torne um país mais justo e melhor para viver.

Texto 9-A. Segundo Costa Val (1999), a lógica das idéias na propriedade textual deve ser observada tanto no âmbito interno quanto no âmbito externo das relações do texto com o mundo a que se refere. Nesse sentido, para ser coerente, o texto precisa estar de acordo com os princípios lógicos elementares, sem se contradizer. As informações devem estar compatíveis entre si, possibilitando, por conseguinte, as ressuposições e as inferências dos interlocutores, no exercício pleno da cooperação comunicativa. No texto acima, algumas contradições, próprias da oralidade aparecem. O texto abaixo, embora com uma temática diferente demonstra a preocupação com essa seqüência lógica e coerência de idéias.

Retomando Koch (2003, p.31), “o processamento textual quer em termos de produção, quer de compreensão deve ser visto também como uma atividade tanto de caráter lingüístico como de caráter sociocognitivo.” Assim sendo, o processo de construção de um texto, tendo em vista a produção de sentidos, exige não só o domínio de habilidades básicas, mas o uso de estratégias sociocognitivas, culturais e interacionais.

TEXTO 9 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão com um caudaloso rio” Martin Luther King

Diante dos Problemas que o Brasil vem atravessando desde sua colonização até a concepção atual, podemos verificar historicamente que nada muda, continua atrelado ao mundo capitalista onde o dominante é que domina, impondo e colocando sempre seus interesses à frente e sacrificando a classe oprimida, trabalhadora, explorada, marginalizada pelas próprias leis da constituição, que desconhecem dos direitos e deveres que vivem alienadas dentro de uma sociedade sem justiça, enquanto houver pessoas analfabetas, sem qualificação profissional sem instruções sendo alvo das injustiças sociais, do preconceito, da violência que acometi a todos, a falta de segurança,

descaso da própria justiça que é lenta, passiva, pois nem tudo pode ser resolvido às pressas. Com isso o tráfico cresce, crianças são exploradas sexualmente ou no trabalho escravo.

Um país tão rico como o nosso na flora, fauna e minério, nas riquezas culturais, na arte, dança, literatura, músicas tem muito que ser valorizado e preservados por todos, cada um é responsável pelo o que acontecer a nossa volta, sonho e desejamos um país livre de tantas injustiças e preconceito, onde todos possam desfrutar dos seus direitos e deveres como manda lei, liberdade, igualdade, saúde, escolas, isso de fato só poderá acontecer quando houve mudanças de sua parte e dos políticos.

12 **MA: ↓**

"Sonho com um dia em que a justiça
correrá como a água e a retidão como um leudaloso
rio" Martin Luther King.

1 Diante dos Problemas que o Brasil vem atravessando
2 desde sua colonização até a concepção atual, podemos verifi-
3 car historicamente que nada mudou, continua orelado /
4 ao mundo capitalista onde o dominante é quem domina,
5 impondo e colocando sempre seus interesses à frente e
6 sacrificando a classe oprimida, trabalhadora, explorada,
7 marginalizada pelas próprias leis constitucionais, que
8 desentrem os direitos e deveres que vivem alienados
9 dentro de uma sociedade sem justiça, enquanto
10 há pessoas analfabetas, sem qualificação profissio-
11 nal, sem instrução das leis que regem o país.

12 Eles continuariam sendo alvo das injustiças sociais,
13 do preconceito, da violência que acomete a todos, a
14 falta de segurança, descaso da própria justiça que é
15 lenta, passiva, pois nem tudo pode ser resolvido os
16 meios. Com isso o tráfico cresce, crianças são exploradas
17 igualmente ou no trabalho escravo.

18 Um país tão rico como o nosso na flora, fauna e
19 minério, nas riquezas culturais, na arte, dança, litera-
20 tura, músicas, tem muito que ser valorizado e preserva-
21 do por todos. Cada um é responsável pelo o que
22 acontecer à nova volta. Sonho e desejamos um
23 país livres de tantas injustiças e preconceito, onde
24 todos possam desfrutar dos seus direitos e deveres
25 como manda lei, liberdade, igualdade, saúde,
26 escolas, isso de fato só poderia acontecer quando
27 háve mudanças de sua parte e dos políticos.

O que se faz necessário no texto 9 – B é uma divisão maior dos parágrafos de modo que permita ao leitor compreender que existe uma seqüência estabelecida entre a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, muito embora o texto não apresente em sua estrutura comunicativa marcas de oralidade, pela própria dinâmica de se querer falar (escrever) tudo o que se pensa ou analisa de maneira sintética e rápida (um parágrafo).

Contudo, não se pode esquecer que a articulação é o encadeamento textual estabelecido por meio de recursos lingüísticos que podem relacionar elementos de conteúdo, situar o assunto apresentado no espaço ou tempo, estabelecer relações enunciativas ou discursivo-argumentativas, exercendo funções enunciativas e garantindo a unidade temática.

TEXTO 9 – B

A visão da Sociedade no Mundo Moderno

Sabemos que em nossa sociedade inúmeras pessoas se preocupam exageradamente com a beleza exterior, esquecendo realmente dos valores morais que cada individuo possui, pois, o mais valioso está no interior, embora, tem prevalecido a questão de avaliar qualquer pessoa através de sua aparência e não a partir do que são na verdade. Infelizmente isso é uma triste realidade presente no nosso cotidiano e vemos claramente a mesquinhez, a humilhação e o sentimento de exaltação vivo em cada ser pensante, pondo em prática essas verdades constantes e amargas, florescendo e tornando-se mais acentuada em ações e reações, através da aparência como fonte de supervalorização no que diz respeito ao comportamento desumano para com as outras pessoas que não possuem essa beleza notável, carregada de orgulho profundo.

Por conseguinte, devemos tratar todos com igualdade e não com sinônimo de desprezo, pois, o interior é a parte principal que

verdadeiramente expressa o eu de cada um, sendo grandemente importante para sabermos viver e conviver fazendo assim uma sociedade mais justa e calorosa.

Curso: Letras

Período: VIII

Ano: 2008

A Visão da Sociedade no Mundo Moderno.

Sabemos que em nossa sociedade inúmeras pessoas se preocupam excepcionalmente com a beleza exterior, esquecendo realmente dos valores morais que cada indivíduo possui, pois, o mais valioso está no interior, embora, tem prevalecido a questão de avaliar qualquer pessoa através de sua aparência e não a partir do que são na verdade. Infelizmente isso é uma triste realidade presente no nosso cotidiano e vemos claramente a mesquinhez, a humilhação e o sentimento de exaltação vivo em cada ser pensante, sendo em prática essas verdades constantes e amargas, florescendo e tornando-se mais acentuada em ações e reações através da aparência como fonte de supervalorização, que diz respeito ao comportamento desumano para com as outras pessoas que não possuem essa beleza notável, carregada de orgulho profundo.

Por conseguinte, devemos tratar todos com igualdade e não com ânimo de desprezo, pois, o interior é a parte principal que verdadeiramente expressa o eu de cada um, sendo grandemente importante para sabermos viver e conviver fazendo assim uma sociedade mais justa e calorosa.

Curso: Letras Período: VIII Ano: 2008.

No texto 10-A pode-se perceber a presença de marcas de oralidade ao que se refere o uso de palavras: “lipospiração”, “em cima”, acentuando-se a ausência de concatenação de idéias, com misturas de temas que varia de beleza para moralidade, típica marca da oralidade, considerando que o texto pode apresentar fatos e conceitos relacionáveis sem estabelecer ligações entre eles, ou pode estabelecer relações não pertinentes entre os fatos e conceitos que denota.

TEXTO 10 – A

A supervalorização da beleza exterior e valores morais. Qual o vitorioso?

A beleza exterior é importante, é a primeira impressão que fica. Mais infelizmente vivemos no mundo cheio de preconceitos onde a vaidade e a supervalorização pela beleza exterior superou todos os valores morais de um ser humano.

Vivemos no mundo onde a busca, pela beleza exterior está desencadeada, onde muitas vezes arriscam até a saúde se alimentando mal comprometendo “assim” a saúde.

O Brasil é considerado, um dos campeões mundiais em lipospiração e cirurgia plástica. Quanto aos valores morais não existem mais no Brasil quantas e quantas mulheres fizeram fortuna em cima de um belo corpo e um belo rosto e nenhuma moral.

Quando se é obeso ou feio se é excluído da sociedade, quando vamos ao shopping notamos que não existem vendedoras feias e muitos poucos negros.

Aí chegamos a conclusão que: já estamos em um novo milênio é o que prevalece sim. A beleza exterior principalmente para os homens e nesta guerra entre beleza e moral a moral está perdendo e está perdendo feio.

TEMA: "valores morais. Qual o vilão?"

A beleza exterior é importante, é a primeira impressão que fica, mas infelizmente existem no mundo muitos de preconceitos onde a vaidade e a supervalorização pela beleza exterior supera todos os valores morais de um ser humano.

Vivemos no mundo onde a busca pela beleza exterior está desvirtuada, onde muitas vezes aviscam até a raiz do mal comprometendo "assim" a raiz!

O Brasil é considerado um país campeão nos mundiais em lipossução e cirurgia plástica. Quanto aos valores morais não existem, mais no Brasil quantas e quantas mulheres fizeram fortuna em cima de um belo corpo e um belo rosto e nenhuma moral.

Quando se é obeso ou feio se é excluído da sociedade, quando vamos ao shopping notamos que não existem vende-lorás feios e muitos poucos negros!

Ni chegamos a conclusão que: já estamos em um novo milênio e o que prevalece é o sim. A beleza exterior principalmente para os homens e desta que a beleza e moral a moral está perdendo e está perdendo feio.

O autor do texto (10–B) apresenta ordenação de idéias e argumentação lógica na estruturação das idéias distribuídas em introdução, desenvolvimento e conclusão, com uma preocupação com o uso das normas e a concordância.

TEXTO 10 – B

Em nosso país a justiça é lenta, ou quase não funciona, a cada dia a criminalidade aumenta, um número que surpreende a sociedade brasileira e assusta.

Uma justiça que favorece uma determinada classe, a que tem o poder. É cada vez mais o número de atentado contra a sociedade, não existe solução para tais problemas. Agimos de forma particular em busca de justiça, sem apoio vivemos no meio de uma grande guerra, onde a batalha é desfavorecida de um lado; o lado fraco, onde maginiais de todo tipo, ofende inoscentes, seja matando roubando, ou proporcionando qualquer tipo de mal.

Se tivéssemos uma justiça mais rigorosa, sem perdão, sem medo de agir, que muitas vezes não toma iniciativa por fazer parte desse mundo de criminalidade, fica de braços amarrados, contribuindo para essa justiça falha.

Contudo, sentimos ainda o dever de esperar pela justiça, onde buscamos um pouco de paz, mesmo percebendo a falta de controle deste opção, esperamos nela a solução para esses problemas sociais que seriamente nos ofende.

Letras 8º período 2008.1

Em nosso país a justiça é lenta, e quase não funciona, a cada dia a criminalidade aumenta, um número que surpreende a sociedade brasileira e assusta.

Uma justiça que favorece uma determinada classe, a que tem o poder. É cada vez mais o número de atentado contra a sociedade, não existe solução para tais problemas. Agimos de forma particular em busca de justiça, sem apeio, pois vivemos no meio de uma grande guerra, onde a batalha é desfavorável de todo tipo, ofende inocentes, seja matando roubando, ou proporcionando qualquer tipo de mal.

Se tivéssemos uma justiça mais rigorosa, sem perdão, sem medo de agir, que muitas vezes não toma iniciativa por fazer parte desse mundo de criminalidade, fica de braços amarrados, contribuindo para essa justiça falha.

Contudo, sentimos ainda o desejo de esperar pela justiça, onde buscamos um pouco de paz, mesmo percebendo a falta de controle desta opção, esperamos nela a solução para esses problemas sociais que seriamente nos ofende.

As marcas de oralidade no texto 11-A apresentam-se na construção textual, onde se observa o uso de “hambiente”, “quê”, “cendo”, além da ausência de uma coerência e coesão textual. O autor se projeta na construção de um diálogo, com uma ênfase nas idéias sem argumentação sólida, apenas um “mosaico” de idéias sobrepostas sem nenhuma preocupação com as normas gramaticais, com a estrutura do texto. O uso “hoje em dia”, “há então”, “é dessa forma”, acentua a presença das marcas de oralidade, típicas de um diálogo cotidiano.

TEXTO 11 – A

A supervalorização da beleza exterior e valores morais. Qual o vitorioso?

Hoje em dia as pessoas estão mais preocupadas com a forma de aparecer nos devidos hambiente njaõ pensam em valores morais, mas sim em valores exterior tentam surpreender à quem ao certo nem elas próprias não sabem.

Há então um tipo de confronto entre suas próprias valorizações, pois a beleza exterior influência muito onde quer quê estejam, entre essa valorização esquecem a capacidade dos valores morais, que pouco sabem de sua proporção, devido a ele é que chegam ao tão importante exterior.

É dessa forma que o exterior vem ganhado supervalorização no meio onde o moral vai cendo esquecido, e daí tiram as suas duvidas, o vitorioso querendo ou não e a beleza exterior.

^{ok}
TEMA: A supervalorização da beleza exterior
 e valores morais. Qual é vitorioso?

14 | Hoje em dia as pessoas estão mais
 preocupadas com a forma de aparecer
 no diversos ambientes não pensam em
 valores morais, mas sim em valores exte-
 rior tentam surpreender à quem ao
 certo nem elas próprias não sabem.

Há então um tipo de confronto
 entre suas próprias valorizações, pois
 a beleza exterior influencia muito
 onde quer que estejam, entre essa
 valorização estreitam a capacidade
 dos valores morais, que pouco sabem
 de sua importância, devido a ele é que
 chegam ao tão importante exterior!

É dessa forma que o exterior
 vem ganhando supervalorização ~~na~~
 meio onde o moral vai sendo
 esquecido, e daí tiram as suas
 dúvidas, o vitorioso querendo ou não
 é a beleza exterior.

No texto 11-B é possível perceber, como em outros textos anteriores, que o autor se preocupa em acentuar o caráter da linguagem escrita, procurando fugir das marcas da oralidade.

TEXTO 11 – B

Historicamente, o Brasil sofre com a impunidade desmedida e fora de controle, conseqüência da má distribuição de renda, da intolerável corrupção carcerária, bem como da falta de comprometimento de muitos.

O país sempre sofreu com a crise da segurança pública. Enquanto políticos abuzam dos cargos que exercem, ganhando “rios” de dinheiro por pouco feito, a “plebe”, que os colocaram no poder de “representantes do povo”, expondo-se ao sofrimento de olharem para os olhos sofridos dos seus, submetendo-se, muitas vezes, à vida marginal de alguém que quer alimentar seus filhos. Por outro lado, aquele que é pego praticando delitos resta pagar por seus erros amargurar sua pena em presídios superlotados e precários, onde quem manda é quem tem mais à oferecer. Porém, o descaso das autoridades competentes, só faz agravar ainda mais a crise que já é precária e preocupante.

O Brasil, contudo, é um povo onde impera a guerra pela esperança com explosões intensas de luta por dias melhores, onde se deparar com absurdos como esses tenham se perdido na poeira do tempo.

Historicamente, o Brasil sofre com a impunida-
de desmedida e fora de controle, consequência da
má distribuição de renda, da intolerável corrup-
ção carcerária, bem como da falta de com-
prometimento de muitos.

O país sempre sofreu com a crise da segu-
rança pública. Enquanto políticos abusam
dos cargos que exercem, ganhando "rios" de
dinheiro por ~~muito~~ pouco feito, a "plebe",
que os colocaram no poder de "representan-
tes do povo", expondo-se ao sofrimento de
olharem para os olhos sópidos dos seus, submeten-
do-se, muitas vezes, à vida marginal de al-
guém que quer alimentar seus filhos. Por outro
lado, aquele que é pego praticando delitos res-
ta pagar por seus ~~delitos~~ erros, amargurar
sua pena em presídios superlotados e precários,
onde quem manda é quem tem mais a
esferecer. Porém, o descaso das autoridades com-
petentes só faz agravar ainda mais a crise
que já é precária e preocupante.

O Brasil, contudo, é um povo onde im-
pera a guerra pela esperança com explo-
sões intensas de luta por dias melhores,
onde se depara com absurdos como esses
tenham se perdido na poeira do tempo

FAMASUL 8º p. Letras

A ordenação de idéias e o uso de variações lingüísticas no texto 12-A indicam o conhecimento partilhado e a linguagem utilizada por jovens de sua idade: “tá”, “enventando”, “trafica”. Tal ocorrência é uma evidência da variação social por faixa etária, o que supõe que o autor tenha uma idade considerada adolescente, perfeitamente adequada ao gênero e à interação informal que se estabelece no texto. Possivelmente utiliza o recurso para atenuar qualquer decisão contrária aos seus desejos, “agora conto com a justiça”. O texto 12 – B denota avanços significativos sem marcas da oralidade.

TEXTO 12 – A

“Sonho com um dia em que a justiça correrá como a água e a retidão como um caudaloso rio”

Agora conto com a justiça. Quero que esse assassino menor de idade não vá para a rua de novo, como já foi que pelo menos uma vez se deveria discutir seriamente a questão da maioridade não sejam tão relapsas quanto foram até aqui. Se tivessem agido diferente, minha filha estaria viva.

A sociedade influencia muito as pessoas, pois uma criança de 3 a 4 anos de idade que a mãe deixa os filhos assistir o que quer, ta fazendo com que esta criança de tanto ver estes tipos de desenhos, para ela vai ser normal, quando ela crescer ela vai imaginar que tudo que ocorre no mundo é simples, as crianças ver tipos de desenhos, que pessoas morrem, que a inveja, os desentendimentos ocorre. Temos que entender que uma simples coisa pode mudar as pessoas de tanto ver e acha que tudo é normal. A justiça deveria mudar o código penal pois por acha que uma criança de 12 a 13 anos matou uma pessoa não deve ser presa, pelo ao contrário ela tem que pagar pelos seus atos pois se ela não pagar ela vai continuar matando e roubando, as prisões deveria ter segurança máxima, para os presos n]ao fugir eles deveriam trabalhar na prisão para obter o que eles necessitam, não ser dado pelo governo. Para eles ta bom pois vão para prisão e ficam lar sem trabalhar e inventando uma forma de traficar e matar.

TEMA: A supervalorização de beleza exterior x valores morais. Qual o vitorioso

Para compreendermos sobre nossa beleza exterior temos que valorizar nossa beleza natural, que é uma das coisas criadas pelo nosso supremo.

Em nossos dias a cirurgia plástica está muito evoluída nesta área, ela se aprofunda muito neste aspecto. Como é o caso da cirurgia plástica que deixa nosso corpo perfeito. O mundo está voltado para beleza exterior e não está preocupando com a interior, para a nossa beleza exterior existe muitas maneiras para deixarmos com o corpo adorado sem precisar de cirurgia, o esporte é uma das coisas importantes que deixa nosso corpo em perfeição sem precisar de modificação.

Temos também a valorização, temos que valorizar nós mesmo, e deixar de ser relaxado. Existe mulheres bonitas mas a maioria delas são plásticas.

Precisa de cuidado também com a beleza exterior porém não em forma de cirurgias como é o caso de nossos dias, a beleza só é viva quando é mal cuidada.

Nosso País existe em que vemos existe pessoas muito bonita, temos que tirar esse preconceito, e seremos nós mesmo.

vivemos em um país onde a mídia faz com que as pessoas sejam lindas e magras, e quem não atende a esse perfil começa a querer ser também, esquecendo que essa supervalorização pode implicar em algumas situações.

Pode-se dizer que 70% das pessoas que tem essa supervalorização, essa beleza externa, não se valorizam, porque acham que pode tudo e chegam até a imobiliar mas procuram pessoas ao seu nível, pois, esquecem de que nem sempre a beleza externa é importante.

A maioria das pessoas que procuram a beleza externa e se valorizam muito, com o tempo vê que não vale apenas ser tão bonito, pois, existe uma beleza que é fundamental em qualquer pessoa é a beleza interna, então o valor moral é quem prevalece em qualquer situação e beleza não é tudo.

Como os demais textos do período inicial do curso de Letras, as marcas de oralidade se fazem presentes, no texto 13 – A “aspcto”, “exite”, “adquado”, “cirugias”, “exite”, “tira”, e na tentativa de reconstituir os recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática, a pontuação representa, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, além da importante função sintático-semântica.

TEXTO 13 – A

Para compreendermos sobre nossa beleza exterior temos que valorizar nossa beleza natural, que é uma das coisas criada pelo nosso supremo.

Em nossos dias a cirurgia plástica está muito evoluída nesta área, ela se aprofunda muito neste aspcto. Como é caso da cirurgia plástica que deixa nosso corpo perfeito. O mundo esta voltado para a beleza exterior exite muitos métodos para deixarmos com o corpo adequado sem precisar de cirurgia, o esporte é uma das coisas importante, que deixa nosso corpo em perfeição sem precisar modificação.

Temos também a valorização, temos que valoriza nós mesmos, e deixar de ser relaxado. Existe mulheres bonitas mas a maioria delas são plásticas.

Precisa de cuidado também com a beleza exterior porém não em forma de cirurgias, como e o caso de nossos dias, a beleza só é feia quando é mal cuidada.

Nosso país exite em que vivemos exite pessoas muito bonita, teremos que tira esse preconceito, e seremos nós mesmo.

TEMA: A supervalorização de beleza exterior x valores morais. Qual o vencedor

25
Para compreendermos sobre nossa beleza exterior temos que valorizar nossa beleza natural, que é uma das coisas criadas pelo nosso supremo.

Em nossos dias a cirurgia plástica está muito evoluída nesta área, ela se aprofunda muito neste aspecto. Como é o caso da cirurgia plástica que deixa nosso corpo perfeito. O mundo está voltado para beleza exterior e não está preocupando com a interior, para a nossa beleza exterior existe muitas maneiras para deixarmos com o corpo adequado sem precisar de cirurgia, o esporte é uma das coisas importantes que deixa nosso corpo em perfeição sem precisar de modificação.

Temos também a valorização, temos que valorizar nós mesmos, e deixar de ser relaxado. Existe mulheres bonitas mas a maioria delas são plásticas.

Precisa de cuidado também com a beleza exterior porém não em forma de cirurgias como é o caso de nossos dias, a beleza só é feita quando é mal cuidada.

Nosso País existe em que vemos existe pessoas muito bonita, teremos que tirar esse preconceito, e seremos nós mesmos.

O texto abaixo “pecou” pela não escolha de um título, contudo, é importante lembrar que, ao expressar-se através dos textos, o aluno está colocando em prática o seu conhecimento lingüístico, e isso apraece na concatenação das idéias de maneira coerente, em relação ao texto anterior, uso adequado de pontuação exceto ausência depois de portanto, entre outras.

TEXTO 13 –B

A beleza é algo que preocupa milhares de pessoas, atualmente o número de cirúrgias plásticas vem aumentando a cada dia. As mulheres estão em grande número, basta acharem que algo não está de acordo com o seu perfil, que logo vão em busca de mudanças.

Nossa sociedade está muito exigente, principalmente quando se trata de conseguir emprego, a “beleza” nos dias atuais é um dos grandes fatores que contribuem nesta questão.

É fácil compreender a grande preocupação dos cidadãos em manter o corpo em forma e a aparência impecável. Nas beleza não é tudo, precisamos acima de tudo nos sentirmos bem com determinada mudança.

Cientes que a beleza exterior é importante para mantermos nossa auto-estima, e conseguirmos até mesmo conseguirmos um emprego. É importante que sejamos cautelosos, beleza não tem idade, por isso o cuidado deve ser dobrado, porque criança é criança e cada fase tem seu tempo certo, se com adultos surgem graves seqüelas, quando tentam mudar o visual, imaginem com crianças e adolescentes, como um caso que foi transmitido recentemente no jornal nacional, uma menina, após tentar modelar os cabelos, falece após um choque, na ocasião ela estava descalça e o banheiro estava molhado.

Portanto manter a beleza é fundamental para auto-estima, mas antes de tomarmos decisões que poderão ser consideradas perigosas, é necessário analisarmos se realmente vale a pena.

A beleza é algo que preocupa milhares de pessoas, atualmente o número de cirurgias plásticas vem aumentando a cada dia. As mulheres estão em grande número, basta acharem que algo não está de acordo com o seu perfil, que logo vão em busca de mudanças.

Nossa sociedade está muito exigente, principalmente quando se trata de conseguir emprego, a "beleza" nos dias atuais é um dos grandes fatores que contribuem nesta questão.

É fácil compreender a grande preocupação dos cidadãos em manter o corpo em forma e a aparência impecável. Mas beleza não é tudo, precisamos acima de tudo nos sentirmos bem com determinada mudança.

Cientes que a beleza exterior é importante para mantermos nossa auto-estima, e conseguirmos até mesmo conseguirmos um emprego. É importante que sejamos cautelosos, beleza não tem idade, por isso a criança deve ser adequadamente, porque criança é criança e cada fase tem seu tempo certo, se com adultos surgem graves sequelas, quando tentam mudar o visual, imagem com crianças e adolescentes, como um caso que foi transmitido recentemente no jornal Nacional, uma menina, após tentar modelar os cabelos, falece após um choque, na ocasião ela estava descalça e o banheiro estava molhado.

Portanto manter a beleza é fundamental para auto-estima, mas antes de tomarmos decisões que poderão ser consideradas perigosas, é necessário analisarmos se realmente vale a pena.

As marcas de oralidade se repetem de maneira constante no texto 14-A a pontuação registra momentos de respiração, a ausência de critérios para uso de letras maiúsculas em palavras, a ausência do “r” no infinitivo dos verbos, a ausência de coerência textual e coesão.

TEXTO 14 – A

Por que tantas drogas?

Hoje, o índice de violência, vem crescendo pois, as drogas domicaram o mundo.

Os jovens estão querendo novidades e procuram através drogas portanto este índice de guerra, fome, violência. Se querem, viver no paraíso. no mundo melhor, deve-se aumentar o número de empregos que é um dos fatores que geram a violência. Deus disse: jovens aproveite em, a juventude, mas, lembre-se, que seram jugando por tudo que fizeres.

A vida é fantástica, quando sabemos viver, sem precisar de muitas, novidades, e sim procurar ajudar, aqueles que estão perdido, apanhada e com palavras.

Diga não, para as drogas, e sim para uma vida digna com mais alegria, sinceridade e respeito. Viver, é ser feliz e não precisar de nenhuma droga, sorrir, e cantar, e não depender de nada. Portanto, sonhe com um mundo paraíso.

TEMA: "Sonho com um dia que a justiça
correrá como a água e a retidão como o leite"

26.

Por que tantas drogas? V

hoje, o índice de violência, sem brechendo país,
as drogas dominaram o mundo.

Os jovens estão querendo "novidades" e
procuram através "drogas" portanto este
índice de guerra, fome, violência, Se
querem, viver no paraíso no mundo
melhor, deve-se aumentar o número
de empregos que é um dos fatores que
geram a violência. Deus disse: falem
aproveitadas bem, e felicidade, mas,
lembre-se, que foram fugando por tudo
que fizeram!

A vida é fantástica, quando sabemos
viver, sem precisar de muitas, novi-
dades, e sem procurar ajuda, aqueles
que estão perdido, apimentados com palavras.

Diga não, para as drogas, e sim
para uma vida digna com mais
alegria, sinceridade e respeito. Viver
é ser feliz e não precisar de
nenhuma droga, sorrir, e cantar, e
não desperdiçar de nada, portanto sonhe
com um mundo "paraíso!"

A estrutura textual no texto 14-B tende a se fundamentar na busca de coerência e argumentação consistente, embora o autor pudesse distribuir melhor os argumentos, não demonstra presença de marcas de oralidade, mas avanços significativos, na tentativa de uma dissertação fundamentada em conhecimentos adquiridos e solidificados nos anos de formação.

Dessa forma, pode-se afirmar que constata-se que a oralidade e a escrita têm a mesma importância como duas modalidades de usos da língua. O estudo da oralidade dentro das atividades escolares se reveste de grande importância porque valoriza a textualização do aluno no seu cotidiano. Não se concebe mais tratar os falares sob o ponto de vista dicotômico, como se fossem línguas diferentes, mesmo porque, dentro da mesma língua, existem formas de uso adequadas a cada situação dos níveis de linguagem.

TEXTO 14 – B

Injustiça x Programas Sociais de Governo

Em se tratando de Programas Sociais Benéficos, vê-se que uma grande parte da população brasileira um valor mínimo ou até mesmo relativo.

De um lado essa renda vem suprindo as necessidades de algumas pessoas e de outro contribui para muitos se acomodarem e se limitarem ao valor recebido, mesmo sendo insuficiente para o seu mantimento diário. Ainda vale ressaltar nesse contexto, no que refere a muitas bolsas de valores sociais as quais são desviadas à pessoas que não fazem parte desses programas, ou seja, não são cadastradas e por sua vez possuem uma vida financeira equilibrada, mas têm a ousadia de adquirir esse dinheiro de forma indevida, correspondente a uma quantia significativa que conseqüentemente vai acarretar em muitos cartões bloqueados de pessoas realmente necessitadas.

Assim, é imprescindível que haja uma investigação mais significativa às secretarias de Ação Social dos municípios de uma forma geral, visando o esclarecimento de alguns cortes e atrasos de pagamento, onde muitas vezes essas respostas se encontram nos bolsos de alguns políticos, familiares e alguns correligionários.

Para uma melhor compreensão da evolução da escrita dos alunos ao longo dos anos, é possível comparar o quadro do 1º período com o 8º período do curso de Letras, observando-se a incidência de marcas de oralidade nos mesmos.

QUADRO DAS MARCAS DE ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS DA FAMASUL – 1º PERÍODO

SUJEITOS	MARCAS DE ORALIDADE					TOTAL
1A	num	X	x	x	x	01
2A	serta	além do mais	si mesmo	x	x	03
3A	pôr	suas liberdades	x	x	x	02
4A	pais	Anciedade	X	x	x	02
5A	estar	Discaso	relapsos	cidadões	x	04
6A	veve	Explodido	corrupição	bousos	insentivos	05
7A	destruição	X	x	x	x	01
8A	venha	Discutir	despecebidos	Fiqui	x	04
9A	enquanto	Regi	acometi	descaso	x	04
10A	lipospiração	Emcima	aí	x	x	03
11A	hambiente	Quê	cendo	E daí	x	04
12A(*)	ta	pelo ao contrário	vam	lar	enventando	06
13A(**)	aspcto	Exite	adquado	valoriza	cirugia	07
14A (***)	domicaram	Índice	seram	apainhad os	jugandos	05
TOTAL	-	-	-	-	-	51

(*) outra marca de oralidade: trafica.

(**) outra marca de oralidade: exite – tira.

(***) outra marca de oralidade: apainhado-o.

**QUADRO DAS MARCAS DE ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS DA FAMASUL – 8º PERÍODO**

SUJEITOS	MARCAS DE ORALIDADE					TOTAL
1B	x	X	x	x	x	00
2B	consegem	X	x	x	x	01
3B	x	X	x	x	x	00
4B	infelizmente	X	x	x	x	01
5B	a	X	x	x	x	01
6B	intrinsicamente	X	x	x	x	01
7B	distribuição	X	x	x	x	01
8B	para si apresentar	Dique	x	x	x	02
9B	x	X	x	x	x	00
10B	qualquer	X	x	x	x	01
11B	maginiais	Inoscentes	x	x	x	02
12B	x	X	x	x	x	00
13B	jaz	Ismobar	prevalesse	x	x	03
14B	x	X	x	x	x	00
Total	-	-	-	-	-	13

As marcas de oralidade que aparecem no 1º período, conforme quadro acima, não se repetem de maneira intensa no 8º período (segundo quadro), o que mostra que o processo de aprendizagem no curso de Letras obtém os seus objetivos e, ao mesmo tempo, a produção científica dos alunos começa a tomar o lugar da natureza do senso comum.

Contudo, como já foi discutido no referencial teórico, não existe uma modalidade de língua, no caso a escrita, sem a presença de marcas de oralidade, mesmo que sejam insignificantes e passem despercebidas, haja vista o contexto sociocultural em que estão inseridos os respectivos alunos, rico em variações lingüísticas e onde passam a maior parte do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que existem mais semelhanças que diferenças entre fala e escrita, principalmente quando se faz uma análise da oralidade e da escrita, na perspectiva do *continuum* na estrutura textual, que se manifesta como uso da língua no dia-a-dia, seja falada ou escrita.

As marcas características da construção do texto falado decorrem do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face. A produção do texto oral revela, então, toda a complexidade de seu processo de construção, já que planejamento e realização lingüística se estabelecem numa progressão linear, determinada pelas atividades desenvolvidas entre os interlocutores na situação discursiva.

A análise atenta dos textos revelou que, mesmo apresentando dificuldades, os alunos possuem habilidades e competências para escrever. Os textos comprovaram que a maioria dos alunos quando ingressam na Faculdade, tem dificuldades em escrever segundo as normas ortográficas e que muitos deles ainda se baseiam nos saberes da oralidade na construção de suas hipóteses escritas, demonstrando pouca familiaridade com as convenções que a regem, sem se darem conta das diferenças entre as duas modalidades.

No decorrer da pesquisa, realizada a partir da análise de textos produzidos em dois momentos distintos, 1º e 8º períodos do Curso de Letras, pudemos perceber que, ao longo do curso de licenciatura, as marcas de oralidade na produção escrita tendem à minimização. Com o desenvolvimento das atividades acadêmicas como pesquisa, extensão e estudos, como demonstram os resultados obtidos na análise dos textos, as produções textuais dos alunos, tendo a uma diminuição gradativa das marcas da oralidade.

Diante das variantes inerentes a esta população estudada, onde a maioria dos alunos cursaram o Ensino Médio em escolas da rede pública de ensino, é viável considerar o percentual que foram alcançado como resultado significativo de avanços na construção

textual, com o mínimo de presença de marcas de oralidade no 8º período. Por outro lado, parece-nos que as marcas de oralidade encontradas nas produções dos alunos do primeiro período do curso de letras, ocorrem por motivos diversos, sendo um deles, a maneira como o texto foi trabalhado nas séries anteriores, onde se percebe uma concepção tradicional de escrita sendo imposta no processo de aprendizagem da língua. A presença de marcas de oralidade implica em que não houve uma imposição de uma prática pedagógica que privilegia apenas a aprendizagem de regras de estruturação de textos, de maneira fragmentada e descontextualizada, no processo de aprendizagem acadêmica. Contudo, no decorrer do Curso de Letras, os alunos tendem a ficar mais próximos de textos acadêmicos, permitindo-se momentos de reflexão sobre estudos da língua, necessários para sua vida educacional, profissional, tendo como ponto de partida novos questionamentos sobre seus textos.

Assim, a partir dos resultados obtidos, pode-se observar que, ao entrarem na Faculdade, os alunos produzem seus textos com grande número de marcas de oralidade, e, ao concluírem o Curso de Letras, essas marcas tendem a diminuir consideravelmente.

Os alunos envolvidos na presente pesquisa, no primeiro período do Curso de Letras, foram submetidos a produzirem os textos, onde se pode escolher um tema entre as temáticas oferecidas. Esses mesmos alunos, no oitavo período, fizeram uma produção textual com os mesmos temas do primeiro período. A escolha metodológica partiu do pressuposto de que a fala é utilizada de diversos modos e que os alunos, no decorrer de suas fundamentações epistemológicas e produção de conhecimento acumulado, são capazes de ter modificado suas concepções de língua e linguagem, diferenciando as modalidades da fala e da escrita. O que se pode inferir da experiência, é que cabe à instituição de ensino oportunizar situações em que o aluno possa expressar-se oralmente, levando ao desenvolvimento de suas competências, sem que isso implique a perda da linguagem e suas variações, pois falar bem não significa, portanto, escrever adequado e vice-versa. Expressar-se oralmente ou através de produções textuais é

algo que requer ao aluno confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis a manifestação do que se pensa, do que se sente.

Faz-se necessário compreender que fala e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente ao longo do processo educacional. A língua transforma a fala, a constituição da “fala letrada”, e a fala influencia a escrita (o aparecimento de traços da oralidade nos textos escritos). Essas ações são práticas, pois permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los, e sobre as circunstâncias do uso da escrita.

Os processos de construção das redações foram realizados em dois momentos distintos, início do curso, onde o aluno não tem ainda um contato direto com o processo de pesquisa e extensão da Faculdade, e em outro momento, caracterizado pela finalização da etapa universitária, ou seja, a conclusão do curso.

Os resultados obtidos nas duas etapas de realização da redação indicam que os alunos do 1º período, embora conheçam as regras gramaticais, não estão preocupados com o sentido da coerência e da coesão textual, de modo que a ortografia, as concordâncias, as variantes próprias da fala aparecem de maneira mais clara, mais óbvia. Os mesmos alunos, no 8º período, já conseguem distinguir a presença das marcas da oralidade, a partir do momento em que se propõem a construir um texto que, epistemologicamente, está mais perto da sua realidade como estudante em conclusão do curso.

Contudo, é importante observar que, mesmo com o desenvolvimento da capacidade crítica de ler o mundo e os conhecimentos produzidos e descobertos na vida acadêmica, os estudantes não podem deixar de considerar que as marcas de oralidade presentes nos diversos universos sociais e culturais em que o indivíduo está inserido no qual a maior parte de sua vida como profissional e como pessoa, tende a influenciar, pelo menos de maneira sutil, sua produção escrita.

Embora os resultados aqui apresentados sejam relativos a um universo bem delimitado e definido, coloca-se a questão sobre a confirmação desses achados em outros grupos e faculdades como desafio para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Trabalho de habilidades, construindo idéias**. São Paulo: Scipione, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2001.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIBBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 4.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975.

_____. **Uma gramática de valencias para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BRITO, Luiz Percival. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1997.

BRITTON, J. et al. **The development of writing abilities**. London: McMillan, 1975.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDIPUC, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 7. Ed. Petropolis: Vozes, 1983.

CASTILHO, A. T. **Português falado e ensino da gramática**. São Paulo: Letras de Hoje, 1990.

_____. **A língua falada do ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2000.

D'ANGELIS, Wilmar. **Leitura e escrita nas escolas indígenas**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

DIONIZIO, A.P.; BEZERRA, M.A. MACHADO, A.P. **Linguística**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FARACO & MOURA. **Língua e linguagem**. São Paulo: Moderna, 2000. Vs. 1 a 3.

FAULSTICH, Enilda. **Linguística aplicada a terminologia**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.

FÁVERO, Leonor. **A oralidade e a escrita: perspectiva para o ensino da língua materna**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **Oralidade e escrita**. Perspectivas no ensino da língua. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANCEL, Ymundo. **Gramática: oralidade e escrita**. São Paulo: texto xerografado, 1992.

GEORGETE, Marinete da Silva e LINS, N. F. **Uma leitura das marcas discursivas no gênero do discurso/"dramatização**. (MONOGRAFIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA). Palmares: FAMASUL, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **Compreending oral and written language**. New York: Academic Press, 1973.

_____. **Spoken and written language**. New York: Oxford University Press, 1987.

_____. **Language and social semiotic**. New York: Oxford University Press, 1989.

HARRIS, Theodore L. e Richard E. Hodges. **Dicionário de alfabetização. Vocabulário de leitura escrita.** Porto Alegre, Artmed, 1999

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças produtoras de texto.** Porto Alegre: Artmed, 1994. (v.II).

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

KAUFFMANN, Ana Luiza e RODRIGUES, a.m.p. **Escola, leitura e produção de texto.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, **Ingidore Grunfeld Villaça.** **Ler e Escreve.** São Paulo. Contexto, 2009.

KOCH, Ingidore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem.** São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **A coerência textual.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRESS, g. **Fieding images: the Grammar of visual design.** Londres: Routiedge, 1985.

LONGACRE, Robert E. **The Grammar of discourse.** New York: Plenum Press, 1983.

MARCUSCHI, L. A. **Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita.** Macéio: Editora da UFAL (Anais do I Encontro de Língua Falada e Escrita), 1995.

_____. **Gêneros textuais: o que são e como se escrevem.** Recife: UFPE, 2000 (mimeografado).

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). **Gramática do português falado.** 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

_____. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 2003.

MELO, A. P. **Abordagens sócio culturais da língua falada e escrita.** São Paulo: Editora do Autor, 2000.

MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROCH, Désirée. **Gêneros, teorias métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PCN BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais – língua portuguesa.** Brasília: MEC, 1997.

RAMOS, Jania. **O espaço da oralidade na sala de aula.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento.** Campinas: Mercado das Letras, 2000.

_____. **Prática da linguagem em sala de aula.** Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHEUWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas.* **Genebra:** Universidade de Genebra, 1994.

_____. **Genre analysis – english in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SCHENEUWLY, B e DOLZ. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Revista Brasileira de Educação.** n. 11. Maio/agosto de 1997.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 16.ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, V.L.P. **Forma e função nos gêneros do discurso**. (s.r.b) texto xerografado, 1995.

SUASSUNA, Livia. **O ensino da língua portuguesa**. Campinas: Papirus, 1995.

SWALES, J. **Gener analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. in: TANNEN, Deborah (org). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood – New Jersey: ALEX, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **Os generous do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VITARNEN, Elia. Issues of text typology: narrative – a ‘basic’ type of text? In: *Text*, n. 12, v 2, New York, 1992.

XAVIER, Antonio Carlos (Org). **O texto na escola. produção e avaliação**. Recife, Ed. do Autor, 2007. Programa de Pos-graduação em letras. UFPE.

